

Directora: **Nassalete Miranda**
27 Janeiro de 2016
Nº **163** | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

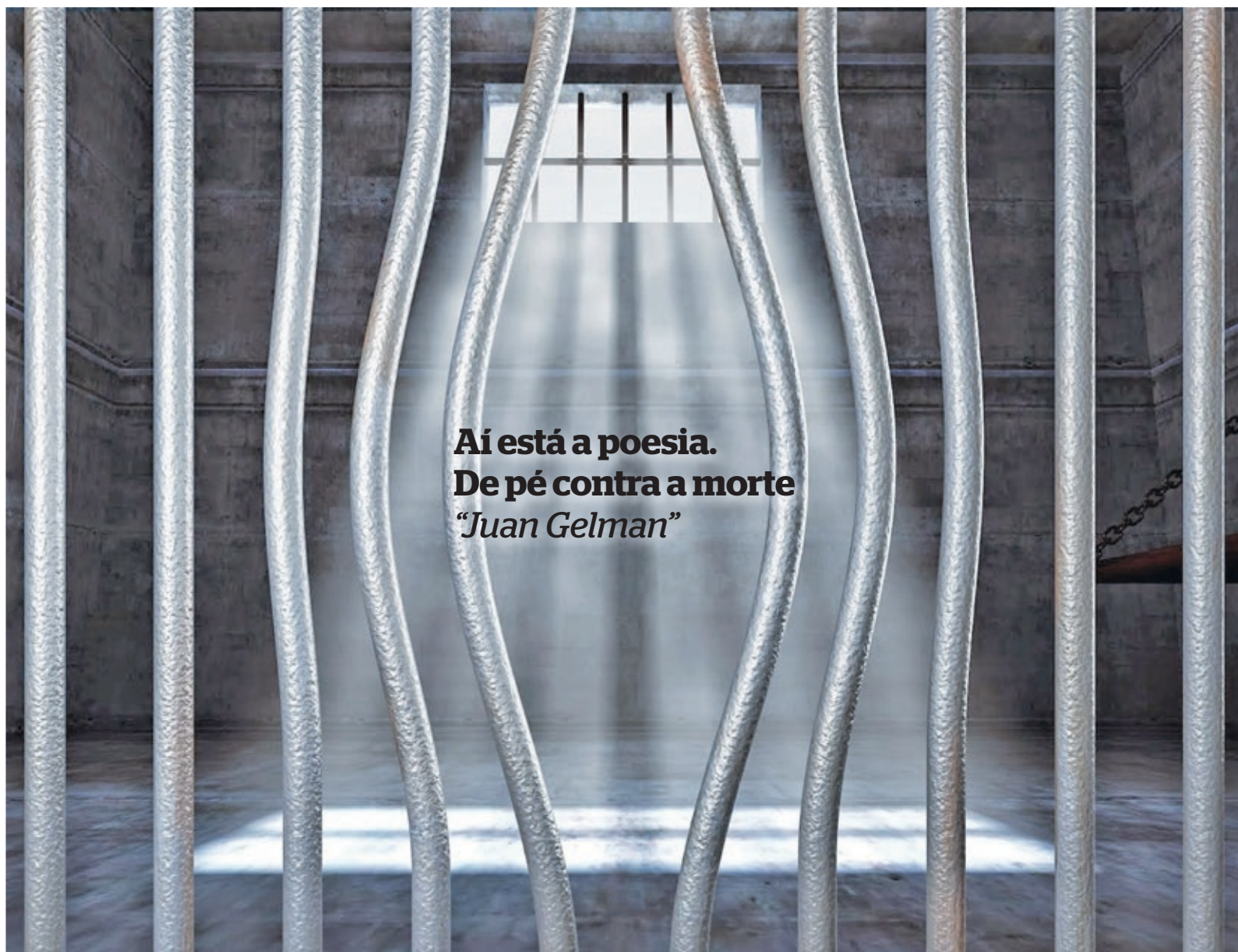
PÁGS. 2 e 22
**Aureliano
da Fonseca**
[1915-2016]



Desenho de Hélder Carvalho

EM NOTÍCIA // PÁG. 23

Poesia = Liberdade



Aí está a poesia.
De pé contra a morte
"Juan Gelman"



A VIDA DOS LIVROS | PÁG. 3

Vergílio Singular e Irrepetível

"Vergílio Ferreira (1916-1996) tem uma importância para a cultura portuguesa do século XX, e em especial para as novas gerações do pós-guerra, que ultrapassa em muito a ideia de estarmos perante um escritor entre outros. É uma figura marcante - pela singularidade e pela força criativa". | Por Guilherme d'Oliveira Martins



ENTREVISTA | PÁG. 4

"Um texto de memórias"

José Gomes Fernandes escreveu novo livro: "Talvez seja o texto mais intimista que escrevi. Neste sentido, reflecte um "estado de alma"."



SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 3556
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 3556
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassaete Miranda
EDITORIA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 3556
Telemóvel: 91 803 56 76
Email: artesentreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecior - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef: 80820655 - Fax: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TRAGEM
1250 exemplares
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis
António Vitorino d'Almeida
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | Levi Guerra
Lidia Jorge | Mário Cláudio
Miguel Cadilhe | Miguel Veiga
Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | Alberto Cadilhe | André Lamas Leite
António José Queiroz | Armando Alves | Artur Serra Araújo
Carlos Cabral Nunes | Carlos Tavares | Cristiano Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | Francisco de Eulália | Francisco Noronha
Francisco Simões | Guilherme d'Oliveira Martins | Helena AM Pereira
Jorge Leandro | Jorge Sanglard | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António | Manuel Sobrinho Simões
Manuela Aguiar | Maria Antónia Jardim | Maria do Carmo Cardoso
Mendes | Martinho Soares | Miguel Leite | Mónica Baldaque
Paulo Ferreira da Cunha | Pedro Cardim Ribeiro | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo | Silvina Pereira | Vasco Rosa

PARCERIAS



APOIOS



Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do Banco BIC



Nassaete Miranda
directora

Entre Sentidos

“Cada novo amigo que ganhamos no decorrer da vida aperfeiçoa-nos e enriquece-nos, não tanto pelo que nos dá, mas pelo que nos revela de nós mesmos”.

Miguel Unamuno

Ainda não era agora que esta escrita deveria acontecer. Não sei quando seria, mas sei que agora Não! Mas como nem sempre a nossa vontade se cumpre, aqui estou agarrada à saudade das noites de quarta-feira dos últimos meses na sala de jantar da casa do Prof. Aureliano da Fonseca.

O meu centenário Amigo partiu para a sua viagem definitiva e já não teve tempo de me ouvir ler o texto que eu preparara para introdução do seu novo livro. Aqui fica lido em silêncio no dia de Missa do Sétimo dia. Hoje dia 22, o sol não brilha com a mesma intensidade!

Meu Amigo Aureliano, **A** tinha de ser a primeira letra do seu nome. É assim que se começa a escrever a palavra Amizade e “Amores”. E segue-se **B**, da Bondade e Benevolência com que sorria para os destemperos do mundo. **B**rasil, sua segunda Pátria.

Em **C** mora Campinas, **C**asa, **C**onsultório e **C**iência. Já **D** define a profissão de sete décadas - **D**ermatologia, em que o **D**oente estava sempre antes da **D**oença. **D**ever o verbo companheiro de jornadas.

E chegamos a **E**studante, evidentemente, **E**terno permanecerá. **E**scrita: escreveu milhares de textos poéticos, científicos, contos e curiosidades e **E**ducação Sexual - foi a primeira voz a alertar para as doenças venéreas como doenças do comportamento.

Chega **F**. **F**amília, e aqui a sua prioridade, mas também **F**aculdade onde deixou marcas de uma intervenção Diferente “o professor deve despertar a curiosidade dos alunos para a descoberta”. **F**idelidade aos seus princípios e valores.

Fotografia o seu passatempo, que o professor definia como “tempo muito bem passado”.

Gratidão. Só nasce em pessoas invulgares.

H, é com **H** maiúsculo que se define a **H**umanidade deste **H**omem.

Hospital, sua morada profissional: o Militar do Porto e o S. João.

Hino à vida!

Índia, o fascínio e o sonho eternamente adiado.

Juventude escreve-se com **J** e eu descobri com o meu querido Amigo Aureliano da Fonseca um outro significado desta palavra quando ele já contava

89 anos.

Legionário. Sim, como voluntário em tempos da 2.ª Guerra Mundial.

Mãe, **M**edicina, **M**úsica, **M**ochos e **M**ar a sua companhia, a sua inspiração.

Natureza, o respeito e a admiração. **N**etos (talvez a sua inconfessada fraqueza).

Navegar, o fascínio.

Orfeão, o prolongamento da sua música. **O**rgulho na sua família. Bonito de ver o brilho no olhar quando falava do percurso dos seus seis filhos e 25 netos.

Olhar para ver bem. **O**lhar mais uma vez, para descobrir. **O**lhar de novo para registar e curar.

Pele. A sua especialidade.

Pátria. Morava em si um sentido de amor pátrio involuntário e contagiante.

Pensar, provavelmente o verbo que mais o ouvi citar. **Q**uerer, sem dúvida a força da sua vida.

Quem somos, uma das suas versagens mais citadas. **R**espeito e **R**esponsabilidade estavam entranhados na zona mais profunda do seu **S**er.

Saudades, minhas, nossas e suas do futuro convocado em conversas pautadas pela **S**impatia e pela **S**implicidade.

Tunas, **T**angos (compôs seis). **T**udo, o que ficou para fazer!

Universidades, a do Porto e a de Campinas, onde leccionou durante décadas. **Ú**nico no estar presente/passado/futuro.

Versagens, o seu primeiro livro.

Viagens. Foram dezenas de onde trouxe imagens na alma e na máquina de fotografar.

Vida: “A vida é uma lâmpada acesa de vidro e fogo: vidro que com um sopro se faz, fogo que com um sopro se apaga”. Padre António Vieira

Zamira - Sua Mulher - Sua Companheira - Sua Vida de **A** a **Z** porque “os extremos tocam-se”!

Meu Amigo Aureliano da Fonseca e Professor na arte de viver, até àquele sempre que só o mistério da Vida sabe calendarizar. O dia de hoje foi, sem dúvida, “a esperança do dia de ontem”. Assim, até amanhã!

A todos, boas leituras em artes feitas.

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda, para além dos locais habituais:

Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis e Livraria Lello



**Guilherme
d'Oliveira Martins**
presidente do CNC

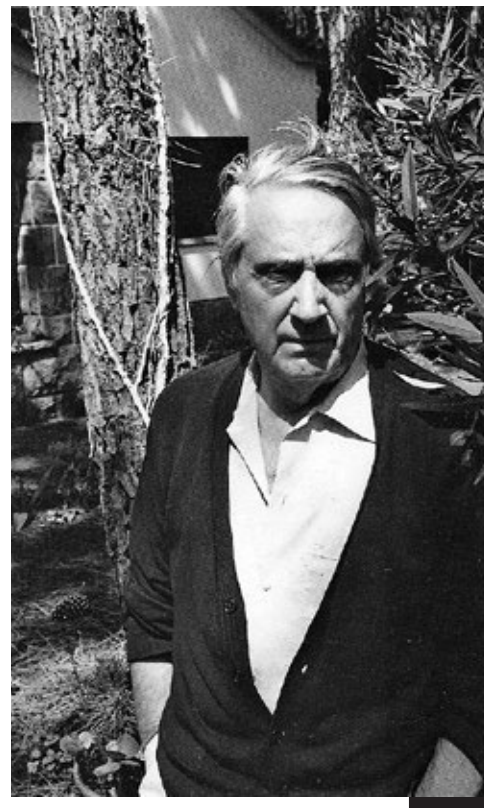
Vergílio Singular e Irrepetível

Vergílio Ferreira (1916-1996) tem uma importância para a cultura portuguesa do século XX, e em especial para as novas gerações do pós-guerra, que ultrapassa em muito a ideia de estarmos perante um escritor entre outros. É uma figura marcante - pela singularidade e pela força criativa. Eduardo Lourenço disse, por isso, com especial pertinência que «a sua obra de romancista e de ensaísta é a única em que, através de mil ambiguidades e dificuldades, se respira a atmosfera de um combate». De facto, o romancista e o pensador souberam assumir na sua obra as tendências fundamentais do seu tempo, sempre com um apurado sentido crítico, numa significativa lógica de independência e singularidade - em busca de uma vocação própria, sem esquecer as profundas mudanças que o mundo ia apresentando. De Hegel a Nietzsche, de Kierkegaard a Sartre, até Camus o autor de «Aparição» vive um século trágico, pleno de confrontos entre diversas leituras dogmáticas da sociedade e do tempo, que o intelectual e o homem recusam. Vergílio Ferreira quis, assim, sempre assumir o seu próprio caminho - primeiro tratando dos dramas sociais, que reclamariam uma sociedade nova (como em «Vagão J», 1946) e, a pouco-e-pouco, embrenhando-se nos mistérios da existência - que, desde sempre foram aflorando na interrogação das palavras, das pessoas e das complexas relações sociais. E assim foi consolidando a sua afirmação num romance de feição reflexiva e existencial - em que se sentem as leituras de Jean-Paul Sartre, mas que o tempo foi aproximando da força criadora e crítica de Albert Camus. No pórtico de «Aparição» (1959), o romance que constitui um marco na literatura portuguesa contemporânea, ao falar da «casa enorme deserta» onde se encontra, acrescenta, emblematicamente: «Mas dizer isto é tão absurdo! Sinto, sinto nas vísceras a aparição fantástica das coisas, das ideias, de mim, e uma palavra que o diga coalha-me logo em pedra. Nada mais há na vida do que o sentir original, aí onde mal se instalam as palavras, como cinturões de ferro, aonde não chega o comércio das ideias cunhadas que circulam, se guardam nas algibeiras». Desde «Mudança» (1949), sentimos a presença de personagens marcadas pela angústia, pela tensão entre assumir a relação consigo próprio e com os outros. E deste modo a reflexão filosófica funde-se com a criação literária - o eu e o outro encontram-se e descobrem o

sentido da vida, em choque com a «inverosimilhança da morte». Como o escritor dirá em «Conta-Corrente»: «o único valor possível, ou seja, o único mito que não se sabe o que é, é o próprio homem». Os temas fundamentais têm, no fundo, a ver com o choque perante a realidade da doença, da solidão, da morte, da decadência, da crueza dos dramas da existência. E assim Vergílio Ferreira transmite-nos o sentimento contraditório do desejo em choque com a realidade: «Escrever? Porque escrevo? Escrevo para criar um espaço habitável da minha necessidade, do que me oprime, do que é difícil e excessivo. Escrevo porque o encantamento e a maravilha são verdade e a sua sedução é mais forte do que eu. Escrevo porque o erro, a degradação e a injustiça não devem ter razão. Escrevo para tornar possível a realidade, os lugares, tempos que esperam que a minha escrita os desperte do seu modo confuso de serem. E, para evocar e fixar o percurso que realizei, as terras, gentes e tudo o que vivi e que só na escrita eu posso reconhecer, por nela recuperarem a sua essencialidade, a sua verdade emotiva, que é a primeira e a última que nos liga ao mundo. Escrevo para tornar visível o mistério das coisas. Escrevo para ser. Escrevo sem razão» («Pensar», 1992). «Sinto mais nas vísceras a aparição fantástica das coisas, das ideias, de mim». Mas que é esta «aparição existencial»? «A revelação de si a si próprio». E é isto que se sente não apenas em «Aparição», mas em toda a obra do romancista. Alberto Soares apenas consegue proteger-se, sobrepondo a relação com a Serra à fragilidade do ser humano... Angústia, fragilidade - eis o que domina a reflexão do autor. No fundo (como dizia Eduardo Lourenço): há uma permanente procura, uma agonia, no sentido etimológico, de luta interior - e é essa luta que dá uma tônica única à prosa inconfundível. Como afirmou Samuel Dimas, a propósito da corrente europeia que tanto influenciou Vergílio Ferreira (de Malraux a Camus): «O mais alto destino do homem é assumir o seu destino, o qual inclui a questão da vida e da morte e antes dele ou em consequência dele a questão da existência de Deus»... Esta, no fundo, é a preocupação fundamental assumida... A Vergílio Ferreira perguntaram um dia qual dos seus livros preferiria. O autor hesitou e avançou: «Depende! Em todo o caso, se retorno ao «Para Sempre» tenho de ir ter com a Sandra para nele me comprazer. Mas «Alegria Breve» posso abri-lo em qualquer ponto, para sempre

me releio em plenitude»... E poderemos, sobre a obra e o homem, lembrar novamente Eduardo Lourenço, que afirmou, sobre a influência de Camus: «A condição do homem é uma mistura só em raras horas explosiva. Essas explosões são as revoltas, demasiado fáceis se o seu fim fosse sem equívoco a justiça. Mas a justiça e a injustiça têm o mesmo rosto humano e não é fácil distingui-las. (...) E, todavia, isso é necessário para alguns. Mesmo num mundo privado de deuses não abdicam dos valores... Mas como a sua garantia absoluta não existe só, eles mesmos os podem sustentar. O revoltado é justamente esse, privado de transcendência, que está disposto a pagar pelos valores que a sua existência introduz no mundo para se realizar. O seu caminho é solitário e sem consolação. A sua revolta é a sua maneira de existir. É uma exaltação sem medida ou uma tristeza de abismo, ambas injustificáveis. Como na vida»...

Com efeito, a vasta obra, especialmente a romanesca e ensaística de Vergílio Ferreira, tem uma textura e um alcance inconfundíveis... - correspondendo a uma leitura da realidade histórica e existencial que nos rodeia.



NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

«Jardins de Solidão»: um estado de alma de Gomes Fernandes

José Gomes Fernandes é arquitecto, doutor em Urbanismo, professor universitário e ex-vereador do Urbanismo e Reabilitação Urbana na Câmara Municipal do Porto. Mas é pela sua vertente de escritor que o jornal As Artes entre As Letras o entrevistou (por via electrónica), partindo do seu último livro, o romance «Jardins de Solidão»: “Um texto de memórias”, diz o autor, mas “também de esperança na vida”. Cronista, contista e romancista, é autor de uma vasta obra.

ISABEL FERNANDES

O seu romance mais recente, «Jardins de Solidão», tem um início bastante melancólico. É o reflexo de um estado de alma?

Talvez seja o texto mais intimista que escrevi. Neste sentido, reflecte um “estado de alma”.

Vai descolando e terá na esperança um elo de desenvolvimento da história. Mas está sempre presente alguma mágoa e tristeza...

A primeira fase do livro é uma reflexão sobre a morte e a perda dela derivada. Um texto de memórias, de saudade de alguém que parte, também de esperança na vida.

Esse tom do primeiro capítulo - a que chamou «In Memoriam» - não poderá travar alguns hipotéticos leitores por acharem que será um livro muito negro? É por isso que no texto que abre «Jardins de Solidão» refere que a esperança é um elo condutor da história; para retirar essa carga de negatividade? «Jardins de Solidão» não é um texto fácil. Poderá dizer-se que o autor se expõe na sua interioridade, mas quem tiver paciência sentirá que a narrativa avança no sentido da procura da luz da esperança.

Recorre muito a citações poéticas. Porque a poesia é o género literário mais sincero?

Gosto muito de poesia e costumo dizer que os poetas são quem melhor me ajuda a compreender a Cidade - Sociedade. Um poeta, num verso, é capaz de sintetizar uma vida.

Podemos dizer que é um livro autobiográfico? O mais autobiográfico dos seus livros?

É, talvez, o livro mais autobiográfico dos 12 que já escrevi. Fala de morte, solidão e perda, de memórias que fazem parte da vida e a iluminam em tempo de dúvida e perplexidade.

Tem o Porto como ponto de partida e aonde regressa sempre. Aliás, o Porto é palco privilegiado da sua escrita - seja na crónica, seja na ficção. Quando começa um novo livro sa-



be sempre que não sairá permanentemente desta cidade?

O Porto é a minha cidade de coração. Cidade com forte carácter, na estrutura urbana e arquitectónica, na matriz social e sociológica. Forte de convicções e de capacidade de luta, desde as origens, verdadeira “república urbana”, no dizer de Cortesão. Daí que fale do Porto e regresse sempre cá, quando deambulo por outras paragens.

É também uma forma de criticar o que, por vezes, fica de fora da sua escrita diarística?

Diria que são complementares. A crónica é curta, tem limitação de batidas e, por vezes, regista factos do quotidiano que aproveito para a ficção, para desenhar personagens e situações.

Como se descreve como escritor?

Costumo dizer que sou “cronista e ficcionista”, imagino histórias com facilidade a partir de observações de rua e, por vezes, nascem daí contos. Um dia podem ver a luz.

Quando é que começou a escrever para além das crónicas? Foi por necessidade, por impulso...

Comecei a escrever contos em adolescência, nos tempos de colégio, para um pequeno mensário de paróquia. Em jornais de maior divulgação, em meados da década de 60, para a «Flama» e «Diário de Moçambique», alguns “contos a 10%”, pagavam 100 escudos por cada texto, que dava jeito a um estudante. Isso e as caricaturas compunham bastante o meu orçamento mensal, que era escasso. Na primavera Marcelista fiz crónicas na «Voz do Minho», de Barcelos. No «JN» entrei em 76, pela mão de Eduardo Soares, grande jornalista.

É um homem desiludido com o estado do país, ou só o escritor o é?

Desiludido com o País, não! Desiludido com a classe política que temos, sim, e isso reflecte-se nos escritos, neste livro em particular, que contém um Ensaio crítico sobre o estado do País e algumas perplexidades sobre a Europa.

Um desabafo de alma!

Quando parte para um novo livro de ficção já tem o tema escolhido e a trama planeada ou começa em frente a uma folha vazia esperando que tudo surja e pronto a deixar-se levar? Estou a escrever um novo livro e o ponto de partida é o mesmo: uma ideia, um esquema da história, um método de trabalho apoiado em pesquisas e notas que se vão registando. É como elaborar um projecto de Arquitectura, há uma ideia de partida e depois, muito trabalho.

Em qual dos estilos - crónica, romance, conto - se sente mais completo como escritor?

Escrevo crónicas porque gosto e tenho compromisso com o «JN». Privilegio a observação de rua e, de vez em quando, fujo para a crónica ficcionada, que me dá algum prazer.

E enquanto leitor, o que é que prefere ler?

Como leitor privilegio a poesia, como se nota nos livros. Também a ficção e a história. Neste momento leio dois livros: de João Ubaldo Ribeiro, «Viva o Povo Brasileiro», e de José Luis Peixoto, «Em Teu Ventre».



Onésimo Teotónio Almeida
professor, ensaísta e escritor

Eugénio Lisboa - escrita lúcida, límpida e luminosa

Encontrei no vol. V de *Acta Est Fabula*, de Eugénio Lisboa (*Memórias - V - Regresso a Portugal: 1995-2015*, Opera Omnia, 2015) com ânsias de o devorar num ápice, embalado que vinha pelos três anteriores (não errei nas contas; o 2.º volume ainda não foi publicado). Para um apreciador de memórias e diários, esperava-me ali de novo uma festa. Além do mais, este vinha anunciado como misturando os dois géneros.

Controlei a vontade de uma leitura a eito, sem interrupções, optando por fazê-la a conta-gotas, antes de adormecer. Em regra, tive mesmo que decidir fechar o livro e enfronhar-me entre lençóis porque ficar horas seguidas acordado a virar páginas era o que verdadeiramente apetecia. Isto bastará para que o leitor conclua do prazer que foi ter por companhia as memórias de Eugénio Lisboa nuns quantos serões de inverno, refastelando-me regaladamente com uma escrita lúcida, límpida e luminosa, ouvindo a voz do autor relatar-nos dias cheios, variados, preenchidos frequentemente com prolongadas e proveitosas leituras nos intervalos de agitadas ocupações por esse mundo.

Nos já quatro volumes publicados, a viagem pelas décadas da vida de Eugénio, desde os seus impenitentemente lembrados com saudade de uma infância e adolescência na antiga Lourenço Marques, somos expostos a uma voz que recua no tempo a limpar o pó da recordação e a recuperar do arquivo das suas memórias o que de mais salvável contém. Eugénio conseguiu sempre recriar ambientes nítidos, retratando cenas e personagens da sua vida com uma vitalidade e acutilância só possíveis graças a uma memória espantosamente fresca.

A maior novidade neste V volume é a abertura de janelas com vista para o seu apetitoso diário inédito. Sugerindo levemente no volume IV, aqui o espaço concedido ao diário é significativamente alargado. Se na escrita memorialista Eugénio Lisboa não deixa nunca a distância derrapar em sentimentalismos ou nostalgias românticas, na escrita diarística, traçada sobre o acontecimento, ele revela o seu agudo, fulminante olhar sobre o quotidiano. Na verdade, a prosa de Eugénio é vigorosa porque enxuta, limpa de toda a adiposidade pegajosa. Ela salta em cima dos dias acompanhando penetrantes relances sobre o quotidiano, oferecendo-lhe uma expressividade que cativa o leitor e o faz testemunha de cada acontecimento.

São magníficos certos retratos desenhados por este artista do verbo, alguns deles elaborados em sucessivas revisitações, como é o caso de Eduardo Prado Coelho. José Saramago, António Lobo Antunes também, tal como José Rodrigues dos Santos (e, entre as figuras políticas, Santana Lopes). Vergílio Ferreira surge como uma *éminence grise* que Eugénio Lisboa trata quase como sua nemesis, pelo menos um símbolo daquilo que ele não gostaria de ser (o autor destas linhas, amigo e admirador de Vergílio, consegue apreciar a perspectiva de Eugénio e o modo como a expressa, sem necessariamente concordar com tudo o que ele diz acerca do nosso ensaísta-romancista). Sobre Eduardo Prado Coelho, são-nos servidas várias entradas captando ângulos da personalidade e obra do crítico literário que durante duas décadas imperou na cena cultural portuguesa. Espreite-se esta: “[...] o EPC vive numa agitação, num saltar, numa “acumulação”, numa ausência de sossego (necessário à nutrição de um pensamento) - que não são o leito fecundador de algo que tenha solidez. Quer mostrar que está em todas, que tudo o interessa *com minúcia*, que vai a todas as exposições, a todo o teatro, a todos os concertos, conhece todas as divas, todos os actores, leu todos os livros, viu todos os filmes, papou todos os almoços importantes, sabe tudo de ciência, de filosofia, de lingerie, de cosmética, de psiquiatria, de casas de alterne, de psicopatologia, de sexo (de todas as orientações e mais que houvesse, ETC!)” (págs. 309s). Entre os seus altamente estimáveis autores, reemergem, como habitualmente acontece nos escritos do autor, Montherlant, Camus (não Sartre) e José Régio; mas também António Sérgio e Ferreira de Castro, este desinibidamente elogiado por obras injustamente esquecidas, como por exemplo *A Selva* (“Os intelectuais da nossa praça farão boquinhas [...] [p]referem acreditar que o Lobo Antunes é um génio e o Saramago outro. Quanto a mim, prefiro, folgadoamente, *A Selva*, [...] que é, fora de qualquer dúvida, um grande livro.” (pág. 302)

Transparece ao longo de todas estas páginas uma coerência de pensamento e intervenção cívicas norteados por uma ética sólida e interiorizada, uma hombridade desenvolvida e livre, mas consciente e responsável pelas posições que toma e os pontos de vista que defende e pratica na vida real, como o demonstra a obra deixada na empresa petrolífera em Lourenço Marques;

na Embaixada de Portugal em Londres, onde foi Conselheiro Cultural; na presidência da Comissão Nacional da Unesco; na Universidade de Aveiro, onde foi Professor Convidado.

Tudo o acima mencionado é servido ao leitor em páginas de um português escorreito e directo, exacto e firme, lúcido e transparente, porque Eugénio ama a língua como meio de expressão que deve ser elegantemente cultivada, não para ofuscar ideias nem, na ficção, atrapalhar uma boa narrativa. Por isso Eugénio não tem reboço em confessar abertamente as suas preferências romanescas: “A leitura dos bons romances ingleses e americanos leva-me a ter alguma impaciência com quase toda a ficção lusíada. Pergunto aos meus botões: “Esta gente terá vivido? Terá alguma coisa a dizer?” E não me venham com o sempiterno *trabalho de linguagem*. A linguagem *serve para*, não se serve a si própria, por mais que possa e deva *ser trabalhada*. Não vive nem deve viver no puro reino da masturbação.” (p. 262)

A linguagem de Eugénio Lisboa é um exímio exemplo de como pôr em prática esse seu sentir sobre o que deve ser o lugar da língua e como devemos usá-la para fazer arte romanesca e expressar ideias, dialogar cívica e democraticamente com os nossos interlocutores.

O título geral destes volumes memorialistas - *Acta Est Fabula* - revela um sentimento de estar feito aquilo que o autor tinha de fazer. Todavia falta-lhe ainda escrever muito. Não apenas mais esse 2.º volume sobre o seu intenso e rico passado; os leitores seus fãs esperam também que possa por muitos anos continuar a intervir na cena cultural e cívica lusitana, ajudando-nos a pensar e a ver claro, saboreando a sua bela e fresca prosa.





Vasco Rosa
pesquisador literário e editor

A vida nos jornais

A Maria Bochicchio

Nunca foi suficientemente aprofundada a colaboração de Raul Brandão na imprensa de Lisboa ou do Porto. Foi na *Revista d'Hoje* (editada nesta cidade e cuja direcção dividiu com Júlio Brandão, em 1894) que revelou como seu alter-ego o «escritor» K. Maurício, foi n'*O Popular*, literário, científico & artístico que publicou um conto que viria a ser de *Impressões e Paisagens* (1890), no *Correio da Manhã* algumas páginas de *História dum Palhaço* (1896), e foi n'*O Dia* que apareceram pela primeira vez partes de *A Farsa* (1903) e de *Os Pobres* (1906). Também escreveu para *Brasil-Portugal* e *Revista Ilustrada* (1891), entre outras. Mas tratou-se duma colaboração estritamente literária, a que se somou crítica assídua no *Diário da Tarde* (Porto, 1900-2) e, logo depois, 1902-3, num bom suplemento dirigido por Eduardo Schwalbach Lucci n'*O Século*.

Era comum escritores ou aspirantes a tal fazerem o seu tirocínio nos jornais, onde se cruzava gente que importava conhecer e ouvir,¹ mas nada disso exigiria a Brandão presença constante ou compromissos fixos nas redacções, que todavia ele praticou a ponto de ter reconhecido ter passado boa parte da vida nos jornais - querendo talvez dizer que havia passado tempo de mais...² Tudo isso começou em Lisboa (1891-93), quando frequentou, sem convicção nem préstimo, a Escola do Exército. E tudo isso acabou abruptamente com o advento da república, cujos primeiros dias de barbárie revanchista nada (lhe) anunciavam de bom. De facto...

O escritor era nessa altura redactor principal d'*O Imparcial*, uma folha monárquica de Lisboa. O depoimento de Hemetério Arantes (1864-1932) adiante transcrito pela primeira vez apresenta-nos Raul Brandão, 43, à frente da pequena redacção deste jornal de segunda ou terceira linha e destino periclitante, custeado por um político do partido regenerador e ministro,³ e confirma e antecipa o instinto jornalístico das *Memórias*, quando ele decide publicar a carta de Carlos Malheiro Dias a Hemetério em que se afirma que «a pobreza» é tida como «a consagração dos escritores portugueses»,⁴ e o recurso deles consiste em abrir uma loja, no caso, uma padaria.⁵

Mais: esclarece-nos acerca do tempo efectivamente ocupado na direcção desse jornal. E isso é uma novidade, com boas consequências... Brandão aparece no cabeçalho pela primeira vez a 25 de Junho, mas a partir do testemunho de Arantes temos de concluir que ele supervisionava a redacção pelo menos desde meados de Abril. José Azevedo Castello Branco [ministro e conselheiro: 1852-1923] assumiu a folha a 1 de Março, e o convite a Hemetério Arantes pode ter sido feito logo nessa altura. O jor-



A morte do pai de Raul Brandão noticiada na primeira página d'*O Imparcial*

nal dá, de facto, desde aí, uma especial atenção ao teatro e aos artistas de teatro (incluindo velhos actores retirados em casas de repouso, ou artistas estrangeiros de passagem), e embora boa parte disso possa ficar por conta dum outro redactor, o dramaturgo, crítico teatral e membro da respectiva associação Francisco Santos Tavares, a verdade é que também Raul Brandão estava nesse preciso período profundamente envolvido com uma tentativa de renovação dramaturgica. «Cómicos», de 10 de Março, parece ser da sua pena, tantas são as afinidades lexicais que este texto não assinado evidencia com o estilo brandoniano.⁶ E com essa antecipação da chefia editorial, é de admitir que certa atenção ufanista ao Porto - sempre inesperada em folhas da capital - seja enfim um cuidado pessoal dele, ainda que os textos sejam de outros.⁷

Não sei se Hemetério Arantes alguma vez publicou outro artigo sobre Raul Brandão. A sua bibliografia é mínima, alguns opúsculos apenas⁸ e o póstumo *Mundo de Cristo* (*Pessoas e Casos*)⁹ não incorpora, sequer, este «Fragmento dum memorial» impresso na p.2 do *O Comércio do Porto* de 11 de Dezembro de 1930. Talvez Arantes, que haveria de falecer um ano e meio depois, quisesse dar uma atenção maior ao escritor seu colega ocasional num dos muitos jornais em que colaborou,¹⁰ e que a recentíssima volta de uma viagem de meses aos Países-Baixos impedia de concretizar logo então (o jornalista chegara a Portugal previsivelmente uma semana antes do óbito: a sua última crónica de viagem, escrita em Paris, é de 22 de Novembro¹¹ e Raul Brandão morreu a 5 de Dezembro).¹² Ainda assim, com esta sua «apressada» página de memória (não privada de interesse, muito pelo contrário), Arantes quis deixar-nos - num jornal do Porto - testemunho imediato do seu convívio com o escritor-

-jornalista desaparecido havia pouco (e, na verdade, de espírito tão diverso do seu), apontando-nos, sem querer, textos ainda dispersos porque não assinados, e um novo foco de pesquisa biográfica e de recepção: o tempo perdido, ou ganho, que Raul Brandão passou nas redacções de jornais: com quem, como e porquê, substanciados na pergunta, também rimbaudiana, *Que estamos nós a fazer aqui?*

Vasco Rosa

*
«[...] Venha para *O Imparcial* ajudar-me a levar a cruz ao calvário... Aquilo não vai bem.»

Fui. Era na Rua Nova da Trindade, logo abaixo do Ginásio, um primeiro andar mesquinho com três janelas: redacção, administração, tipografia. José de Azevedo [Castello Branco] apresentou-me então a um homem alto, encorpado, louro, olhos azuis, dum azul líquido, desbotado, de maneiras finas. Estava sentado a uma mesa de pinho e enchia, com febre, linguadinhos curtos dum papel de costaneira o mais ordinário possível. Era o chefe de redacção, o secretário e o redactor principal - o *tudo* daquela folha da tarde «que não ia bem», na palavra do seu director, desse efémero *O Imparcial*, meio político, meio literário, meio iconoclasta, era, em suma, Raul Brandão, que eu conhecia de leitura¹³ e que no aspecto da sua pessoa me pareceu bem diverso dos aspectos da sua obra, porque, por mais que se queira, não fugimos à tentação de visionar o autor através dos prismas que os seus livros nos oferecem. Assim, através de *A Farsa*, *O Padre*, *O Húmum*,¹⁴ imaginara eu um Raul Brandão azedo, violento, vestindo uma blusa de ganga, insolente com burgueses, aos empurrões nos transeuntes bem-vestidos, intolerante em matéria política e religiosa, com o mais ativo dos desdêns (e porque não, dos ódios)

pelas meias-tintas convencionais do convívio social. Recebeu-me, porém, não com efusões, que seriam de todo descabidas, mas com a mais elegante das composturas. Passados dias, éramos amigos. Ele não recebia nada pelo seu árduo trabalho no jornal,¹⁵ porque afora uma que outra crónica de Santos Tavares¹⁶ ou de José Sarmento, e do artigo de fundo de José de Azevedo, pode dizer-se que todos os *suelto*s e condimentos dos casos do dia eram de sua lavra; eu também nada recebia, antes pelo contrário, e estas duas situações económicas irmanavam-nos numa espécie de solidariedade intelectual, não despovoadas de encanto.

«Que estamos nós aqui a fazer, nesta casa?», perguntava-me ele, ao que eu lhe respondia com a pergunta «Sim, que estamos nós aqui a fazer, que finalidade nos prende a esta empresa que não vai bem?! De facto. *O Imparcial* tinha uma tiragem mínima, nem o *placard* que se inaugurara numa das três janelas era chamariz de fregueses. Decididamente, o público não comprava a folha: ela não era noticiosa e as reportagens de Saramago¹⁷ eram positivamente chochas.¹⁸ Raul Brandão lutava, porém, com o ardor dum jornalista consumado que não vacila em calcar quaisquer conveniências contanto que da notícia se tire um efeito de sensação. Exemplos desta feição jornalística (de que a sua restante obra, aliás, é documento clamoroso, como, entre outros, o atestam as suas *Memórias*) são inúmeros. Deixo, nesta página, um que me parece conclusivo:

Recebera eu, certa manhã, na redacção, a seguinte carta: «Dias & Cia. | Rua Ivens, 40 - Lisboa || Meu caro Hemetério Arantes, | Tinha que ser. Entre esperar na Academia essa suprema consagração do escritor português, que se chama a pobreza, e abrir uma loja, não hesitei. Abri a loja. É certo que eu tinha alguns leitores e ainda não tenho fregueses. Mas confio que eles virão e que você será um deles... | Um grande abraço do seu, etc. etc. *Carlos Malheiro Dias* | 17 de Abril de 1910». Esta carta capeava um prospecto de O Pão em Casa, empresa a que o notabilíssimo romancista português se abalanchava e que devia ser publi-

cado entre os anúncios de *O Imparcial*. Confesso que li esta carta com o coração confrangido e... envergonhado. Passei-a a Raul Brandão, no propósito de ele ordenar a gratuidade da publicação do anúncio. Ele leu-a recolhidamente e a seguir premiu o botão eléctrico da sua mesa, veio o chefe dos tipógrafos que recebeu a seguinte ordem: «Esta carta, imediatamente para a xincogravura; já, para sair ainda hoje...»

Eu fiquei estarelecido. Opus-me quanto pude, tudo em vão. Raul Brandão parecia ofendido na sua qualidade de jornalista que não pode e não quer deixar de *dar o tiro*. Por fim, contemporizou em que eu fosse pedir autorização ao meu insigne correspondente para que o facsímile saísse no jornal.

E assim aconteceu. Se não erro, encontra-se em *O Imparcial* de 18 de Abril de 1910.¹⁹ Esta feição truculenta de processo era a mesma que fere a nossa sensibilidade ao ler tantas e tantas páginas dum tão nitente visão do mundo exterior e das almas que lhe mereceram reparo. Ele tinha o condão, que raros possuem, de com meia dúzia de palavras abarcar um tema largo de paisagem material, anímica ou social. O seu comentário era cerce, rápido, cortante; a sua prosa era sugestiva, saía-lhe em borbotões candentes e desordenados, indiferente às considerações do meio e da gramática. Nunca poderia ser um académico, mas foi senão o maior, pelo menos um dos maiores coloristas do seu tempo. Era essa cor que ele via no mundo real e também no mundo das ideias que o tornou grande. Quando dois ou três dias depois do 5 de Outubro entrei em *O Imparcial* para me despedir e lá mais não voltar,²⁰ Raul Brandão estava fardado de capitão. Olhei para ele e não pude sofrer um riso incontinente. Ele riu também, tendo percebido a minha hilaridade, e explicou: «Eu nunca tive outra farda; fui-lhe substituindo os galões ao passo que era promovido. Engordei e não sei se cresci. Donde, esta figura que você está vendo, esterificada e cómica. Vou apresentar-me ao Ministério da Guerra...» «E depois?!» «Depois vou para a aldeia, que é onde eu estou bem.»

Hemetério Arantes

NOTA

- ¹ Homens, claro, pois nessa altura muito poucas mulheres haveria por ali.
- ² Conta Maria Angelina Brandão nas suas memórias: «Era o primeiro a chegar a redacção [de *O Dial*], a fim de ler jornais da manhã, notícias do estrangeiro; inquirir de alguma novidade ou acontecimento sensacional que merecesse ser relatado no jornal em que punha todo o interesse. Depois corria a assistir às sessões das Câmaras – Pares e Deputados – porque era ele quem redigia as secções parlamentares. | Alimentava-se quase só de café que, da redacção, mandava buscar à Brasileira do Chiado» (p. 144).
- ³ Outra época, partilhou com Alberto Bramão (1865-1944) – a quem dedicou o conto «O homem do cancro» incluído em *Impressões e Paisagens* (1890) – as canseiras de *O Monitor*, uma ruínosa folha de Matosinhos pertencente a Fraga Lamares, futuro editor da *Civilização* portuense. Bramão, que em 1899 publicou uma conferência sobre jornalismo, refere-se a Brandão nas suas Memórias publicadas em 1936.
- ⁴ Parece evidente que o projecto de escrever memórias, e o estilo e o foco escolhidos para uma substancial parte delas, ganharam raízes no meio jornalístico, com o seu arsenal de pequenas histórias contadas sobre um ou outro facto, sobre esta ou aquela figura, figurante ou figurão. Nada habilitava um discretíssimo capitão do exército a tamanho empreendimento, que tomaram as *Memórias* de Raul Brandão ainda hoje bibliografia indispensável sobre aquele período histórico.
- ⁵ Outra «pequena história» é o roubo da carteira a Ramalho Ortigão na estação central do Rossio, noticiada a 15 de Julho, quando ia apanhar o rápido para o Porto.
- ⁶ Poderá *a partir de agora*, e pelas mesmas razões, conjecturar-se ser dele o artigo sobre Alexandre Herculano, de 29 desse mesmo Março. De facto, eu já havia considerado que «Poveiros», de 10 de Março, fosse escrito por Raul Brandão, por entender que naquela altura ninguém o escreveria assim. Mas os elementos revelados por Hemetério Arantes convidam-nos a reler com máxima acuidade todo o jornal anterior a 25 de Junho (quando Raul Brandão aparece como redactor-principal, até 28 de Outubro de 1910).
- ⁷ Há, pelo menos, duas crónicas «de antologia» sobre a Invicta: «As festas do Porto», de José Sarmento, a 18 de Junho de 1910; e «Os Clérigos», de Manuel de Sousa Pinto, a 1 de Setembro («a torre famosa, que sobe como um foguete e lembra uma roca estilizada ou um rapa gigantesco, adornada e arrebitada como uma fogaça de romaria»).
- ⁸ No início de 1909 – um ano antes de ter conhecido Raul Brandão –, Arantes publicou *Frei Agostinho da Cruz. Notas à margem duma «História dos Quinhentistas*, em «sensacional polémica» com Teófilo Braga, «intransigente sectarista político-religioso» e «ilustre Sabedor infalível» (pp. 11, 13). Foi também autor duma série de conferências a que chamou «Curso de Literatura para Senhoras», em 1906-7.
- ⁹ Lançado em 1944 pela Editorial Século, com Aquilino Ribeiro a prefaciá-lo. Publicada em 1935, a *Enciclopédia Luso-Brasileira* diz que *Mundo de Cristo* dará título a «alguns livros de crónicas», mas doze anos após a morte do autor tudo o que saiu foram apenas 285 páginas.
- ¹⁰ A notícia biográfica incluída em *Mundo de Cristo* omite a sua colaboração n' *O Thalassa* (1913-15), periódico anti-republicano em que os textos não eram assinados, certamente para prevenir represálias.
- ¹¹ Está em *Mundo de Cristo*: «De retorno», pp. 273-77.
- ¹² Um dos opúsculos de Hemetério é sobre Ramalho Ortigão (1915), com quem também privou.
- ¹³ A recíproca seria verdadeira. Em 1905-6 Hemetério publicava na primeira página d' *O Popular* de Mariano de Carvalho um folhetim semanal aos domingos, ou às segundas-feiras. A 20 de Novembro de 1905, escreve sobre jornalismo isto: «Repórteres a dezoito vinténs não podem deixar de ser jornalistas». A 18 de Junho do ano seguinte, condena o ataque de republicanos fanáticos à sede d' *O Século*.
- ¹⁴ Lاپso do autor: em 1910 ainda não havia *Húmoris*, publicado em Dezembro de 1917.
- ¹⁵ Raul Brandão nem sempre esteve ao serviço d' *O Imparcial*. Esteve no Porto por causa do pai, de 10 a 17 de Julho. E a 3 de Outubro, *O Imparcial* avisa que Raul Brandão «regressou ontem do Norte, onde se demorou cerca de dois meses», retomando de novo «a direcção». Depois da morte do pai, foi a mãe do escritor que faleceu a 14 de Agosto. Falta dizer que em *Vida e Obra de Raul Brandão* Guilherme de Castilho data essas mortes de 1911, quando elas ocorreram em 1910.
- ¹⁶ Francisco Santos Tavares (1876-1943) aparece no cabeçalho do jornal como secretário de redacção um dia depois de Brandão como redactor principal, mas a sua colaboração – não assinada – seria anterior. Viria a trocar o jornalismo pela diplomacia, onde irmão seu fazia carreira. Prudente e de bom gosto, menos de um ano após o 5 de Outubro já estava na legação no Rio de Janeiro.
- ¹⁷ Não encontrei reportagens assinadas com este nome.
- ¹⁸ Mas o jornal não era pobre de bons colaboradores. Por exemplo, além do que foi referido na nota 7, a 24 de Maio Manuel de Sousa Pinto (1880-1934) escreve duas colunas de alto a baixo sobre uma exposição de «photographia moderna» em Lisboa. E a 31 de Maio comenta *Flores de Coral*, livro de poemas timorenses de Alberto Osório de Castro.
- ¹⁹ Não erra, de facto. O título é «O romancista faz-se comerciante» (p. 2).
- ²⁰ Arantes, que era monárquico, afasta-se porque o jornal, um tanto inesperadamente – ou nem isso! –, adere de imediato ao novo regime político.



Ramiro Teixeira
crítico literário

Amor entre Guerras

Eis um romance cheio de surpresas! Desde logo porque se inicia no burgo portuense, em Março de 1916, através da apresentação da principal personagem, Miguel, jovem médico com consultório aberto na rua Santa Catarina, junto ao Grande Hotel do Porto, pretexto para adicionar a esta circunstância aspectos monográficos citadinos de interesse revivalista, apesar de a autora, ao que regista o seu breve curriculum, ter nascido em Angola, em 1973, e vivido praticamente desde sempre no continente africano: Angola, Moçambique e agora África do Sul, exceptuando, porventura, o período da radicação dos seus pais em Lisboa, provavelmente na sequência da autodeterminação dos países africanos de origem portuguesas, onde se licenciou em Gestão de Empresas. De seguida, porque este começo constitui igualmente o levantamento da situação política da época, através dos diálogos de Miguel com o seu parceiro de consultório, Carlos, dando-nos a conhecer as causas da declaração de guerra da Alemanha a Portugal, em resultado da apreensão portuguesa dos navios germânicos fundeados no país, sendo que só no Tejo estavam 36, a pedido da nossa aliada Inglaterra que, apesar de tudo, sempre defendeu a posição de neutralidade de Portugal no conflito, quer porque sabia as tropas portuguesas mal preparadas e sem armamento, quer, ainda, porque o país se encontrava dividido em tal questão, havendo tanta ou mais população contra a guerra do que a favor, razões pelas quais, aliás, Portugal só envia tropas para a França em 1917, quase um ano depois da declaração de guerra, e a pedido formal desta, com a inclusão dos médicos, Miguel e Carlos. Mas também em consequência da guerra não declarada, que já existia em Angola e Moçambique, entre as tropas alemãs e portuguesas, e da necessidade que os republicanos tinham em figurarem como aliados do Reino Unido e da França, tendo em vista não só a preservação do sistema republicano do país numa Europa monárquica, como igualmente a preservação das colónias portuguesas, de há muito cobiçadas pela Alemanha, França, Bélgica e Inglaterra. Vão partir soldados portugueses. *Vão mostrar ao mundo inteiro que são valentes, que são dos mais destemidos. Vão sem fatos, sem botas, sem armas e sem munições (...)* Vão morrer de fome, de frio e de vergonha os nossos irmãos - proclamam panfletos anónimos distribuídos entre os expedicionários.. A descrição, sentimental e realista, que a autora faz da existência das tropas portuguesas no la-

maçal de Flandres e do ataque alemão que sofrem no dia em que seriam finalmente substituídas, a batalha de La Lys, é um testemunho raro e avassalador que disputa o que de mais vero se escreveu sobre a tragédia da nossa participação no conflito, valendo por si só o grau de excelência com que é decorado este romance. Na verdade, nesta descrição tudo cabe, desde as investidas das ratazanas aos obuses, da fome e do apodrecimento dos cadáveres e da agonia dos feridos, até à descrição das três linhas da frente das trincheiras e da terra de ninguém que separava os beligerantes.

Não menos sugestiva é a visão do que se passa no hospital cirúrgico do Château de Tourlaville, em defesa dos militares estropiados, gaseados e demais, sem um corpo clínico capaz - um único médico residente, praticamente voluntário em função da idade, assessorado por duas freiras e três mulheres voluntárias que asseguram a limpeza do hospital. Razão pela qual o médico, que até nem é cirurgião, vem a requerer a uma jovem desenvolta, que sabia não se impressionar com os ferimentos dos soldados acolhidos, mas que, não obstante, os confortava de todas as maneiras, visitando-os regularmente e trazendo-lhes algumas delicadezas confeccionadas em casa, o seu auxílio para o ajudar na amputação duma perna gangrenada de um soldado em risco de vida, atendendo que nenhuma das freiras conseguiria manter-se eficiente e capaz de assistir à cirurgia.

Alexandrine é o seu nome e rapidamente ganha estatuto, mercê da qualidade do auxílio que prestou e que o clínico não deixa de proclamar, incentivando-a a cursar medicina.

Entretanto, Miguel, que assiste à morte de Carlos nas trincheiras, recebe deste uma carta com o pedido de entrega a uma médica por quem se apaixonara, com o pedido de que o justifique perante o pai e a noiva que tinha em Portugal.

É em consequência desta incumbência e da colaboração que decide prestar no hospital de Tourlaville, acompanhando, entre outros, o sargento Oliveira, ex-combatente das campanhas de Moçambique, atacado pela malária, doença que Miguel, desde há muito, se debruçava com interesse e que também é assistido por Alexandrine que, breve, se sentirá atraído por ela.

Daqui resultam mais duas surpresas inesperadas: a visão cáustica do que foram as campanhas das tropas portuguesas em África no período anterior à declaração de guerra, segundo a versão do sargento, anarco-sindicalista, e as convicções políticas de Alexandrine, burgue-

sa pelo nascimento e meio familiar, mas com ideias e ideais que a dão como argumentadora notável no que respeita à visão dialéctica do bolchevismo!

Finda a guerra, Miguel e Alexandrine casam-se e ficam a viver em Paris, já que Miguel continua mobilizado, estando encarregado de efectuar o levantamento estatístico de mortalidade das forças portuguesas.

Aparentemente Paris é uma festa, ainda que sufocado por vagas contestárias de operários, militantes da Confederação Geral do Trabalho, que rapidamente entram em confronto com as forças policiais e militares.

Entre a multidão e em perigo está o casal e mais Miguel, cujo ascendente político sobre Alexandrine é notório e que a salva de ser atingida por uma bala na carga policial, o que não impede que esta se envolva cada vez mais na militância política e não obstante se encontrar grávida.

Cerca de um ano depois, já com uma filha, Miguel arranja colocação em Lourenço Marques, na condição de professor do liceu local, possibilitando-lhe ainda o exercício de medicina, pelo que abandona Paris rumo ao Porto e depois Lisboa, onde fica a aguardar embarque para África. Em Lisboa, Alexandrine, que falsamente se comprometeu com Miguel em abandonar a actividade política, é incumbida por um correligionário de entregar uma mensagem a um outro, sendo apanhada no assalto das forças policiais ao edifício, resultando daí uma queda e desmaio em consequência de uma contusão craniana perigosa, mas que a impede de ser presa.

Em Lourenço Marques os deslizos políticos de Alexandrine continuam, entrando breve em conflito com a nata da sociedade local, mercê das suas ideias políticas e acusações que profere na defesa dos nativos e dos trabalhadores. E entretanto deixa-se envolver na greve dos ferroviários, tornando-se cúmplice de Rui, que já contactara em Lisboa, na prisão, e a incumbira da missão acima referida.

A situação do casal torna-se insustentável, até ao ponto de Miguel ser chamado pelo alto-comissário, Azevedo Coutinho, que lhe faz lembrar que a polícia tinha ordens para prender e deportar os activistas, principalmente os bolchevistas.

Por estas e outras razões, nomeadamente o ostracismo a que Alexandrine é remetida, esta e a filha do casal regressam a França.

Entretanto, Miguel é confrontado com a paixão avassaladora da filha do seu melhor amigo, de idade igual à sua filha, à qual não resiste contra

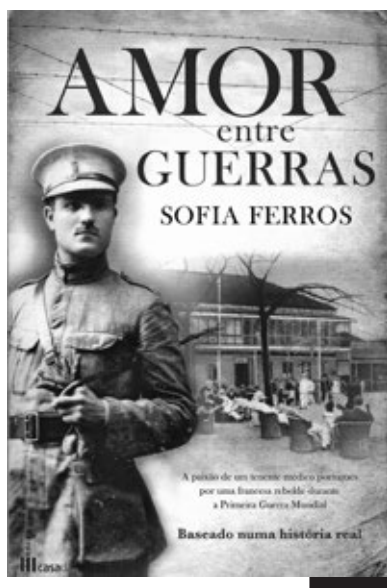
tudo e contra todos, motivo que o leva a pedir o divórcio que em princípio Alexandrine nega, porque apesar de ser bolchevista é também católica, mas que, pouco depois, acaba por aceitar, e assim praticamente termina o romance.

Digo praticamente, porque o que aqui sumário é apenas uma parte da história total que a autora nos apresenta, recheada como é de personagens e situações por demais fastidiosas para aqui serem renovadas.

Como romance, "Amor entre Guerras" tem o seu mérito por via da estrutura das histórias que apresenta, sabiamente cerzidas umas nas outras sob a aparência de uma única, e dos diálogos perfeitamente adaptados às situações. Todavia, estas referências por si só não fazem de um romance de eleição, não fora o caso de ele cobrir cronologicamente mais de um quarto de século de história documental, desde as guerras coloniais à República, da primeira Grande Guerra aos primórdios da segunda, passando pelo Estado Novo e pelas lutas políticas em França, Portugal e nas colónias, a par das respectivas opressões, tudo perfeitamente integrado no espírito político-socializante das épocas a que se reporta.

Isto é deveras assinalável, tendo em conta que a autora, nascida em 1973, não viveu tais acontecimentos, mas teve a arte de não só os relatar como se os tivesse vivido, como deles dá uma visão histórica de grande precisão, só possível de concretizar por via de múltiplas e aturadas consultas documentais, devidamente expurgadas dos mitos e propagandas afins aos acontecimentos, e que está no além do memorável vivido dos seus bisavós maternos, no qual a autora, segundo confessa, se baseou.

Nesta perspectiva, "Amor entre Guerras" é um painel sociopolítico arduamente urdido sob a forma romanesca, ficando a dúvida sobre qual destas partes cobra importância maior.



NOTA

(*Amor entre Guerras*, Sofia Ferros. Lisboa, Casa das Letras, 2014)



Maria Luísa Malato
prof. universitária UP

Livro de viagens, de Albano Martins

Segundo um viajante que conheço, há dois tipos de viandantes: os viajados e os viajantes. Os viajados colecionam lugares, somam monumentos, vão marcando países com pioneses no mapa da memória. Paris vale pela França, Pequim por toda a China e um safari no Quênia quase a África inteira. O avião é o modo de locomoção preferido: importa é chegar. Quando chega, o viajado confirma com uma fotografia a existência do que conheceu pela fotografia, e dispara sobre a Torre Eiffel, a muralha da China ou os elefantes. Por seu lado, os viajantes é espécie muito distinta: não lhes interessa chegar, mas demorar-se. Demoram a partir. E muitas vezes demoram a chegar. Andam a pé, de bicicleta, quando muito. Os viajantes deambulam. Não vão ver se as coisas estão no sítio. Interessa-lhes o que está fora do sítio.

Exemplo de um livro para viajantes é o de Albano Martins. Para ele, a definição do espaço da viagem é a um espaço pequeno, circular. "O espaço/ é pequeno, mas é nele/ que te moves, é nele/ que esbracejas". O que nos interessa neste livro não é a narração do monumental, mas do pormenor, epifania: há aqui a percepção de uma exploração pessoal que só chegar até "à varanda do hotel Kalima, em Caldes d'Estrac", para ver mais longe: "Pinheiros mansos, descalços/ descem a colina". Algumas das viagens de Albano Martins são à volta da cidade onde vive, o Porto, como se ele fosse um quarto: "Conheço este chão, estas pedras agredidas/ pela acidez do inverno. [...] Sei/ onde a memória se acoita, regressando, solícita, ao sabor da noite, como quem/ se enamora e sobe, devagar,/ os degraus expectantes".

Servindo de epígrafe, o poema Salamanca 2009 parte de um lugar monumental (o "Colégio do Arcebispo/ medalha e emblema/ da cidade"), para chegar àquele em que "só as pombas e algum/ pardal solitário carregam/ no seu bico o mistério/ do tempo, feito canto/ e a música/ das pedras, feita/ oração do silêncio". Significativamente, este como muitos outros poemas são dedicados a amigos: muitos deles pintores ou escultores, mas também escritores, filósofos, cantores, músicos, inscritos uns somente na memória pessoal de Albano Martins outros na nossa memória coletiva (Ângelo de Sousa, Papiniano, Francisco Simões, Armando Alves, mas também Unamuno ou Frey Luís de León, ou Stravinsky...). Uns vivos, outros mortos há muito, sem que para nós o sejam: Se "Dos mortos cativos somos", também eles em nós cativos vivem. A amizade é aqui um lugar, espaço visitável e visitado. Dir-se-ia um "topos", na duplicidade que esta palavra exprime: a amizade é um "topos" porque é um lugar e uma temática, mas sobretudo uma forma de organização da memória, um ponto de referência que se associa ao calor do lar e da lareira: "A amizade/ não é só/ uma palavra:/ é uma casa/ onde arde/ sempre viva/ uma brasa". Durante a viagem, os afetos vão-se desmaterializando: "não é só/ uma palavra:/ é uma

casa". E não é só uma casa: "É um pássaro/ Uma asa", já não é asa, é espuma. E pode não ser espuma mas vento. E por vezes nem vento mas silêncio. O que se tem de sentir sempre é uma tensão entre o que se espera da viagem e o que nela se descobre, e é sobre essa tensão que falam aqui amiúde as setas, os arcos, os andaimes. O espírito, como o corpo afinal, precisa de esticar para verdadeiramente se deslocar, sendo a vida do espírito, como a vida do corpo, feita para chegar ao seu limite: "Tão tenso/ como o arco/ das cordas/ do violoncelo é o corpo/ expectante. Tão/ dourada e triunfante/ como a música/ é a sua nudez. Fatais/ uma e outra. Ambas/ letais". Cruzo este livro com um dos meus poemas preferidos de Albano Martins, incluído no livro *Em tempo e Memória*, de 1974. Chama-se ele "Teoria do Conhecimento" e começa por recordar o início de uma viagem: "De bicicleta vou/ no encaço das/ íntimas, súbitas/ relações. Mas/ o que se prende na/ fluida retina/ da circular cadência/ como gelatina/ se dissolve na/ visceral tensão/ que lhe trava ou anula/ a respiração"... Todas as viagens devem começar e continuar com esta tensão e intenção. Gosto também do poema "Visitando o óleo de um pintor desconhecido" e daquela imagem de uma cobra que desliza sobre um tapete, prefigurando nos seus gestos os versos de uma morte

"solar, despida,
De engrenagens,
Emblemas
E velórios."

A cobra que desliza no quadro é de um pintor desconhecido, que não reverenciamos por constar dos manuais de História de Arte. O que se guarda da visita é pois um exercício quotidiano do espanto. Volto à "Teoria do Conhecimento" e ao poeta que nele pedala: "Diário exercício/ de quem procura/ resolver a sua/ equação futura", tomando como referência o seu "próprio e/ natural tamanho": o tamanho de quem não se tolhe. Ainda que muitos poemas não tenham a depuração dos haiku japoneses, eles mantêm uma tripartição do conhecimento: a deteção de um traço sintético que une duas imagens contrapostas. 1-2-3. Impulso do corpo sobre o volante da bicicleta, pressão do pé direito sobre o pedal, pressão do pé esquerdo sobre o pedal inverso. No Foro Romano, os pinheiros parecem sobreviver imperiais à pompa dos imperadores. Por ambos passou a lâmina do tempo. O corpo debruça-se sobre o volante: "Por aqui passou/ a lâmina do tempo". Pedal direito: "O que resta/ de pompílios e césares". Pedal esquerdo: "são estes pinheiros imperiais a cuja sombra". Pedal direito: "o passado dorme". Ritmo cada vez mais acelerado, esquerdo: "desenterrado", direito, "Vivo". E por isso também creio que Basho, poeta-viajante, teria gostado de terminar este livro-viagem com um "Suspiro" que também dissesse: "Pudesse eu/ Lavar o dia/ Nesta concha / De água"...



Isabel Ponce de Leão
prof. universitária UFP

História(s) de Vida

Há na vida histórias de vida a serem evocadas; há na vida vidas que prolongam a vida. Há vida em *Canto Longo & Outros Poemas* de Francisco d'Eulália; vida em construção, aberta, recusando o encerramento sobre si própria. Olho essa vida materializada em objecto estético pela Editora *Modo de Ler*. Desafiante, a cor púrpura albergadora de azuis e vermelhos, impele-me para seu o *incipit*, criando uma aura de magia e mistério. A magia e o mistério da vida plasmados na polivalência de signos artísticos, sobretudo mas não só linguísticos, onde cada sujeito-leitor pode entender, à sua maneira, a manifestação estética da arte, variando as percepções no tempo, no espaço e no contexto da sua experiência frutiva.

Reivindico a subjectividade de sujeito-leitor e digo que a vida de *Canto Longo & Outros Poemas* ultrapassa a visão dos acontecimentos, permeando o reconhecimento do que é concreto ao abstracto; digo que a tessitura das palavras convoca imagens que me aproximam do objecto; digo que na erotização da arte, na sedução exercida, vejo a captação de espelhamentos reflectores de desenvolvimentos parciais e, concomitantemente, cumulativos, que a sua poética projecta. Dessa poética digo: abertura para a vida.

Por isso me apetece Gilles Deleuze e talvez também Félix Guattari. Quiçá porque a escrita de Francisco d'Eulália se desenvolve em diferentes *platôs* atinentes a uma região contínua que se movimenta sobre si própria, evitando qualquer orientação para um ponto culminante que a finalize ou emoldure. Microfendas estabelecem a comunicação entre esses *platôs* em jeito rizomático. Círculos de convergências exibem in/dependências. As palavras carregam conceitos e estes, linhas. Conexões impelem a multiplicidades, sendo que cada poema não tem vínculo com o seguinte apesar de com ele se comunicar. Destarte a obra não começa nem conclui nada. É a vida que se encontra no *entreser* e no *entrelugar*.

Digo articulação, segmentaridade, estratos, territorialidade e desterritorialização, desestratificação, linhas de fuga. "A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente" (Deleuze & Guattari). Então, *Canto Longo & Outros Poemas* configura-se um pequeno engenho em que cabe mensurar a relação literária com a máquina da abstração que a arrasta.

Deleuze e Guattari inspiram-se na botânica e transportam para a filosofia a noção de rizoma: contrariando a árvore de Descartes, cavam um pouco de terra, num modelo de contraposição ético-estético-político que procura linhas e não formas. O rizoma foge, eclipsa-se, confunde-se, destrói, corta caminhos, diz não às formas fechadas e às ligações definitivas. Enformam-no tão só linhas de intensidade - a intensidade da vida opositora do pesadelo da linearidade. Também

o mapeamento de *Canto Longo & Outros Poemas* se constrói e desconstrói em múltiplas direcções procurando as microfendas por onde possa despontar qual "riacho sem início nem fim, que rói as suas duas margens e adquire velocidade no meio" (Deleuze & Guattari) e, pospondo cartesianismos, cria novos sentidos em disseminadas micro-conexões. Cadeias semióticas estabelecem redes imagéticas evocadoras de signos de outras linguagens, de outras artes que se ligam à história do procedimento criativo.

Canto Longo parece perseguir o sistema signico complexo das narrativas curtas. Parece... pois trata-se de um exercício livre de construção inteligível, porém complexa, que encaminha o leitor aos horizontes e às dimensões da linguagem literária; por tal penetra e desnuda a semiótica de outros aspectos dos campos e dos *lócus*. Prosa poética - assim lhe chamo - detentora de uma sintaxe dos elementos geradores do efeito tensional. Osmose do olhar visível e invisível, a isotopia do silêncio é aqui conciliação de contrários, porque "Quando todos pensam que a vida não é feita de irrealidades, de ficções, de sonhos, de mistérios, de quimeras, estão a pensar mal" (p.17).

Em *Outros Poemas* cabem 17 microtextos de carácter sentencioso quase, por vezes, aforístico onde o minimalismo formal contracena com a forte demanda de autognose e de autoconsciência poética numa prática mais intensa do que extensa. Universos poéticos em espelhos, estampas temáticas aqui e agora da vida indefinível, rizomática, que se escolha e dissipa em microfendas enquanto

na sombra do vermelho
o sol desenhava
arpejos de lua (p. 24)

Os *Poemas* alongam-se. São agora titulados - a vida a expandir-se. A saudade, por vezes também, enquanto eixo rizomático da vida. A tessitura dos passos e descompassos da efusão lírica agiliza uma fortíssima retórica do eu que adentra espaços artísticos de variados autores, trazendo à baila diálogos entre os signos. Alguns diálogos transcorrem sobre seres mitológicos, sobre relações humanas e, fundamentalmente, sobre a osmose do olhar que permeia o que está no plano visível, mas com concessão interpretativa do que está no plano opaco ou invisível da efusão lírica.

Depois, não raro, os conteúdos transcendem para a significação; por tal a arte poética de Francisco d'Eulália está para além da simples metáfora enquanto similaridade de interacção dos semas, antes faz uma intersecção sémica dos signos atingindo alta complexidade. Cabe a aproximação à metáfora cognitiva enquanto fenómeno mental, porque os mecanismos que permitem explicar o seu funcionamento

são de natureza psicológica, têm a ver com os processos mediante os quais o poeta apreende e organiza o seu conhecimento da realidade. Segundo Lakoff, (veja-se também o que sobre o assunto diz Damásio em *Ao Encontro de Espinosa*) a teoria cognitiva da metáfora explica a forma como o indivíduo é capaz de construir sistemas conceptuais abstractos a partir de imagens esquemáticas e conceitos directamente ligados à experiência; assim sendo, ainda que os mecanismos metafóricos não sejam exclusivamente linguísticos mas sim estruturalmente conceptuais, são acessíveis mediante a análise linguística. Expressões como "rosas amarelas", "anjo branco", "flecha", "nevoeiro", "feira" e muitas outras têm como campo de acção a memória e a percepção e são a concretização e estruturação de fenómenos mentais. A metáfora linguística mais não é que a ponta do iceberg imerso em redes de relações inferenciais, que permitem conjecturar uma rica estrutura subjacente.

Depois, abre-se o pano de boca. A vida domina o platô. Comparsas contraditam o contra-regra: conciliação de contrários. No proscénio ecos medievos e surrealistas pontuam um canto só aparentemente "Sem memória".

A poética de Francisco d'Eulália coloca o leitor a permean as entrelinhas imaginárias da sua expressividade. As relações com outras artes, pelo viés dos signos urdidos, desnudam a composição dos recursos líricos, da sua sintaxe geradora do cume alternadamente tensional e contemplativo. Os signos reconstituem uma visão imagética e são usados como forma provocadora de uma apreciação mais profunda, mais homológica desta máquina de sentidos.

Depois, as linhas rizomáticas da vida cruzam eixos: sorte e morte, amor e sexo; a história escorre pelas microfendas; a cruz desdobra-se e prolonga-se em planos labirínticos de ancestralidades. Há um Sísifo que empurra a sua pedra sem nunca virar costas a Pasárgada.

Digo: *Canto Longo & Outros Poemas* é a história de um ADN - o ADN do Poeta. História(s) de Vida.





Adeldo Gonçalves
doutor em Literatura Portuguesa (USP)

A dor do mundo em Vera Lúcia de Oliveira

I Poucos poetas brasileiros contemporâneos, como Vera Lúcia de Oliveira, paulista de Cândido Mota radicada na Itália há mais de duas décadas, tiveram sua produção poética tão analisada e incensada. A lista vai de José Saramago (1922-2010), Prêmio Nobel de Literatura de 1998, o único da Língua Portuguesa, a poetas e acadêmicos como Ferreira Gullar, Lêdo Ivo (1924-2012) e Carlos Nejar, passando por estudiosos como a filóloga e historiadora da cultura Luciana Stegagno Picchio (1920-2008), que foi considerada a mais importante luso-brasileirista da Europa, entre outros.

Não bastasse isso, ainda recentemente, um fino poeta como Albano Martins, professor da Universidade Fernando Pessoa, do Porto, nas páginas do quinzenário português *As Artes entre As Letras*, de 11 de março de 2015, ocupou-se deste *O músculo amargo do mundo* (São Paulo, editora Escrituras, 2014) para dizer que Vera Lúcia afirma, “em cada verso, em cada poema, a sua humanidade e o seu compromisso com o mundo em que vive, organizado segundo leis que não favorecem a justiça, a igualdade e fraternidade”. E acrescentou: “No mais, é a expressão curta, sincopada, ao rés da fala (da fala poética, da fala do poeta), que todavia se basta na sua reduzida dimensão”.

No ensaio “O realismo poético de Vera Lúcia de Oliveira”, que escreveu especialmente para a apresentação deste livro, Ivan Marques, professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), ressalta que o lirismo da autora tem raízes no cotidiano, “de onde ela extrai seus pequenos enigmas”.

Depois de observar que o mundo visto pelo olhar da poeta é “cheio de misérias e desfalcado de esperanças - um mundo observado de perto, a partir de um ponto de vista generoso, mas sobretudo lúcido e pessimista” -, Marques desvenda a metáfora que justifica não só o título como o livro por inteiro, ressaltando que, em Vera Lúcia, o músculo do mundo, sua força motora, é a dor que “nutre e movimentada especialmente a existência das criaturas miseráveis, que vivem à margem”, conclusão a que também chega quem lê estes versos logo nas páginas iniciais:



*virar esquinas do avesso
ficar como cachorro louco mordendo
o músculo amargo do mundo*

II

Marques localiza ainda as raízes da poesia de Vera Lúcia em seu gosto pelo período modernista da poesia brasileira, que teve início com a Semana de Arte Moderna de 1922. É de lembrar que pesquisa de doutorado realizada pela autora nos anos 90 na Itália abordou os livros *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade (1890-1954), *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo (1895-1974) e *Cobra Norato*, de Raul Bopp (1898-1984), o que justificaria, a nível formal, a preferência da poeta pela abolição de regras, pela opção por formas livres, pela ausência de letras maiúsculas, vírgulas e pontos, pelo tom coloquial, pela linguagem das ruas estilizada. Veja-se, por exemplo, estes versos:

*esse cão que me segue
é minha família, minha vida
ele tem frio mas não late nem pede
ele sabe que o que eu tenho
divido com ele, o que eu não tenho
também divido com ele
ele é meu irmão
ele é que é o meu dono*

A par da ausência de formalismo, o que se destaca mesmo na poesia de Vera Lúcia é a sua opção franciscana pela pobreza e sua solidariedade com o marginalizado das grandes cidades brasileiras, vítimas de um modelo de patrimonialismo, que é apenas uma continuação de um sistema social que veio de Portugal à época da colônia, quando a nobreza, para se livrar da arraia-miúda que insistia em querer comer e sobrevi-

ver, mandava legiões de desvalidos para as conquistas, desertificando vilas e cidades.

Se à época colonial os pequenos burgos brasileiros viviam infestados de gente disforme, vítimas de bócio, a doença do papo, e leprosos, hoje o que se vê nas ruas e avenidas das grandes cidades é um cortejo de desfavorecidos: mendigos, desocupados, catadores de lixo, moleques malabaristas, vendedores de água *batizada* e mães em andrajos que exibem seus filhos para comover e convencer alguém que passa a lhe atirar ao menos a moeda de menor valor.

É a dor que sente a poeta ao ver este país em naufrágio que pulsa nestes versos, a dor de ver uma nação sem rumo em que a batalha da educação nas escolas públicas e privadas parece irremediavelmente perdida e milhares de jovens são atraídos para o consumo e tráfico de drogas ou para a prostituição, enquanto os ladravazes de recursos públicos festejam impunes pelos salões da república:

*meu país é do lado de fora que ele mais dói
meu país tem calçada chiqueiro bueiro onde
gente compete com bicho e perde
meu país tem mercado avenida rua semáforo
onde com pouco se compra um corpo*

III

Vera Lúcia de Oliveira, professora universitária, ensaísta e tradutora.



NOTA

O músculo amargo do mundo, de Vera Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora Escrituras, 86 págs.



J. A. Gonçalves Guimarães
Mesário-mor da Confraria



Eça & Outras

Selos, cartas e postais

Entre os dias 1 a 13 de dezembro decorreu no Solar Condes de Resende a FilexGaya 2015, mostra filatélica organizada pelo Clube de Colecionadores de Gaia, comemorativa dos 170 anos do nascimento de Eça de Queirós. Entre muitos outros aspetos e, entre eles talvez o mais duradouro, o Solar teve pela primeira vez um postal com a imagem do seu pátio de entrada também impressa num selo e obliterada com um carimbo próprio com o seu logótipo, ou seja, um inteiro postal.

São conhecidas as representações queirosianas na Filatelia e na Macrofilia portuguesa e brasileira, através de selos, carimbos e inteiros postais, e da Cartofilia com a edição de vários postais que, de tempos a tempos, se vão acrescentando com novos espécimes que fazem as delícias dos colecionadores. Recordemos aqui os selos emitidos pelos Correios de Portugal e pelos do Brasil em 1995, e de novo pelos de Portugal no ano 2000. Mas menos conhecida ainda será a atividade epistolográfica do escritor que se traduz já em cerca de mil cartas e algumas dezenas de postais publicados por A. Campos Matos, o que demonstra que Eça de Queirós foi um comunicador postal compulsivo ao longo da vida, tendo ainda em conta que nem sequer conhecemos toda a sua correspondência, pois uma boa parte dela terá ido para o fundo do mar, naufragada com o navio que trazia para Portugal uma parte dos seus pertences após o seu falecimento em Paris. Quantas cartas e postais se terão assim perdido irremediavelmente nessa desgraça. Por outro lado, de quando em vez, ainda aparecem cartas inéditas no espólio dos destinatários, já para não falarmos da sua correspondência oficial que deverá existir no arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

No Solar Condes de Resende, no arquivo que foi da família de sua mulher, também existem várias cartas, desde o século XVII até ao início do século XX, algumas das quais já publicadas, mas ainda não tratadas do ponto de vista Pré-filatélico ou Filatélico. Estão também nesse caso alguns outros núcleos documentais em fase de tratamento arquivístico, o espólio de J. Rentes de Carvalho e o próprio arquivo do Gabinete de História, Arqueologia e Património.

Por sua vez a autarquia gaiense possui notáveis coleções epistolares, como é o caso da correspondência entre Camilo Castelo Branco e o seu edi-

tor Eduardo da Costa Santos, pertencente à Coleção Marciano Azuaga e em depósito na Biblioteca Pública Municipal, já publicada e estudada por Alexandre Cabral. Também os arquivos pessoais de Teixeira Lopes, com cartas da mulher de Eça de Queirós e de Luís de Magalhães, algumas das quais o escultor publicou nas suas memórias, bem assim como o espólio epistolar de Diogo de Macedo, ambos existentes na Casa Museu Teixeira Lopes. Também muitas outras cartas em arquivos de empresas, instituições e de particulares, como o Arquivo Histórico A. A. Ferreira, cujo núcleo Hunt, Roope & Companhia deu origem ao artigo de Colin Lewis «Newfoundland-Oporto mail 1810-1865», na prestigiada BNATopics, vol. 61, n.º 4, outubro - dezembro de 2004, p. 5-33. Ou o Arquivo Histórico Adriano Ramos Pinto, com correspondência inédita com variadíssimas personalidades, sobretudo portuguesas e brasileiras, e uma fabulosa coleção de cartofilia, para além de tudo o mais que já tivemos oportunidade de publicar, com Graça Nicolau de Almeida, no livro *Adriano Ramos Pinto Vinhos e Arte*, 2013.

As coleções epistolares são fundamentais para o entendimento da história universal, nacional e local e o seu estudo poderá um dia aclarar, por exemplo, as verdadeiras relações de Júlio Dinis com Grijó, as de Camilo com o Candal ou as de Adriano de Paiva, o inventor do princípio da televisão, com os físicos do seu tempo. Mas do ponto de vista Pré-filatélico ou Filatélico, elas poderão dar um enorme contributo para o estudo dos Correios em Portugal e das relações da Barra do Douro, e das duas cidades que a ladeiam, com o mundo, através do correio marítimo.

Ao acolher esta iniciativa do Clube de Colecionadores de Gaia, apoiada pela autarquia e pela Confraria Queirosiana, o Solar teve em mente contribuir para uma maior divulgação da Filatelia e também da rentabilização cultural do seu espólio, enquanto vai acolhendo e divulgando o espólio alheio, partilhando assim a resplandecente luz do conhecimento de uma das mais nobres ocupações humanas que hoje está em rápida transformação: a comunicação postal que vence distâncias e abre portas de entendimento onde antes só havia os muros da distância, do desconhecimento ou da indiferença, substituídos por um possível entendimento através de um selo e um carimbo postal que assim autenticam essa relação, balizando-a no tempo e na história.

Análise da obra de J. Rentes de Carvalho

Foi recentemente publicado em De Gruyter - Ibero 2015:151-169 um artigo de Carlos Nogueira, da Universidade de Vigo, intitulado «Autobiografia, memória e tempo nos romances de J. Rentes de Carvalho», o qual pode ser visto em ielt.fch.unl.pt/noticias,1915, uma notável análise e síntese sobre a obra deste nosso confrade. Na primavera sai novo livro em que Eça estará por detrás da sina migratória dos portugueses.

Prémio Fundação Eça de Queiroz

Estão abertas as inscrições até ao dia 1 de Março próximo para os concorrentes a este prémio instituído pela Câmara de Baião e pela Fundação Eça de Queiroz, edição 2015/2016. Segundo o regulamento, podem habilitar-se os autores de textos sobre o universo literário de Eça de Queirós e/ou da Geração de 70, nas áreas dos estudos literários, estudos históricos, estudos culturais, estudos ecoliterários e outros. Consultar www.feq.pt/premio-feq-edicao-2015-2016.html

Cursos do Solar

«A Torre e o complexo dos Clérigos» é o tema da conferência por José Manuel Tedim, no dia 31 de janeiro. Os Cursos do Solar prosseguem em fevereiro, terminando a 6 de março.

Palestras

As habituais palestras das últimas quintas-feiras do mês regressam amanhã, 28 de janeiro, com o tema «O Património Cultural de Gaia» por J. A. Gonçalves Guimarães. O regresso dá-se depois da interrupção de dezembro.

«O Antigo Egipto: uma viagem de 3000 anos»

Realiza-se, amanhã (28 de janeiro), no Porto, a primeira de duas sessões do Colóquio sobre o tema «O Antigo Egipto: uma viagem de 3000 anos», com Luís Manuel de Araújo. O encontro terá lugar no Avditorium Tryvel (Rua Augusto Luso, 157), às 18 horas. A segunda sessão terá lugar no anfiteatro III da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, no dia 11 de fevereiro, às 18 horas. O colóquio tem entrada livre, sujeita a inscrições (em Tryvel.pt/Egipto ou 211972850/223213680).

Email

queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blogspot.com
eca-e-outras.blogspot.com

Coordenação da página

queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:

Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas V.N. GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax: 227 625 622
Telex: 968 193 238

Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro

Ball Masqué, reinvenção do amor pela arte

"L'amour est à réinventer, on le sait."

Arthur Rimbaud

A partir do mote de Rimbaud (*in La vierge folle et l'Epoux infernal*), pretende-se recriar todo um ambiente de glamour, exuberância, mistério, envolto em arte, onde a natureza humana e natural se vislumbram numa comunhão metafórica e, quiçá, cúmplice.

Assim, iniciamos o ciclo de actividades culturais da Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, Águeda, com a simbiose das exposições temporárias com a literatura e a música como tem sido hábito nos últimos anos. Um trabalho que pretende trazer várias formas artísticas a conviver com o nosso público e a nossa colecção permanente.

Após um ano de 2015 repleto de acontecimentos culturais, artísticos e lúdicos com 21 exposições temporárias, 125 artistas e 503 obras; apresentação de 5 obras literárias; divulgação de 3 projectos musicais; 4 palestras sobre cultura e património; enaltecimento a figuras de destaque no colectivo aguedense, como o Dr. Levi Guerra; inauguração em exposição permanente de várias obras de arte contemporânea.

Com tudo isto e a Colecção de Arte Dionísio e Alice Pinheiro, em exposição permanente, com um serviço museológico sistemático, o Museu da Fundação alcançou o número de 8.720 visitantes. Públicos heterogéneos, nacionais e estrangeiros.

Dia 13 de Fevereiro, sábado, após as Cinzas e em véspera de S. Valentim, pretende-se recriar o baile de máscaras ao estilo neo-romântico, onde o simbólico e a praxis, o religioso e o pagão se entendem por entre parábolas artísticas e humanas, conjugando estéticas e linguagens num espaço de convívio onde a sedução e a mística de desvendam pela Arte.

Animália, Nuno Horta

A objectiva de Nuno Horta aspira à comocção dos sentidos, à comunhão da fotografia retratista com paixões de um quotidiano que se mascara, inventando e, quiçá, reinterpretando saberes e ambições que não transcendem o Ser, antes o aprisionam em humanidade dispar entre si, em vez de os acutillar nos seus anseios mais primários: o desejo que se mistifica e animaliza como em metamorfoses que nos confortam e nos permitem o essencial dos sentidos: o Prazer.

Amor Natura, Milene Matos e Bernardo Conde Visa fomentar o respeito e o contacto com a natureza, através da partilha de testemunhos de pessoas reais que sentiram mudanças na sua própria vida, ao passar a contactar com a natureza. Uma produção de Milene Matos com fotografias de Bernardo Conde. Do projecto BIO Somos Todos, galardoado com o Prémio Terre de Femmes, Fundação Yves Rocher - Institut de France.

Phoenix, Ricardo M. Santos

Apresentação performativa e sessão de autógrafos do livro de poesia "Phoenix - Poesia Autobiográfica" de Ricardo M. Santos, com Andreia Morado, Ângela Leão, Cláudia Pereira, Filipe Vitorino, Liliana Marques, Luísa de Conceição, Nuno Candeias, Pedro Nogueira e Ricardo M. Santos. Uma poesia intimista, onde somos levados numa viagem vertiginosa e visceral por sentimentos e sensações que se confundem com o devaneio quase apocalíptico que urgem, em instantes, em cada um de nós e que o autor confessa em palavras que se conjugam com o acto divino/demoníaco. Apresentação por Vieira Duque.

GRES Batuque, Escola de Samba

Apresentação intelectual e recepção dos visitantes pelo GRES BATUQUE, Grémio Recreativo Escola de Samba Batuque, Mealhada. Não pretende ser um momento de carnaval mas uma interpretação do que foi a sua memória, porque o seu enterro já o foi! "E não viveram felizes para sempre" - é o tema deste ano. Reinterpretação de contos com finais mais ou menos felizes, mas sem dúvida que pragmáticos pelo vilão que cada um de nós pode encarnar ou mascarar... A Bateria e alguns dos fatos em exposição museológica.

Ball Masqué, com DJ Gonçalo Vasco

Baile de máscaras ao estilo neo-romântico com programação de D.J. Gonçalo Vasco. Gonçalo Vasco. 35 anos. Natural de Setúbal e residente em Coimbra. Bacharel de Artes em Engenharia de Áudio pela prestigiada School of Audio Engineering de Londres, adquiriu desde cedo o gosto por explorar cantos mais cinzentos da música alternati-

va, que também coleciona. Locutor/realizador, desde 2002, do programa "1978" na Rádio Universidade de Coimbra, colaborou ainda em algumas revistas e livros de música alternativa, nacionais e internacionais.

A Fundação, ao abordar a temática *Masket Ball*, convida o público a reportar-se a máscaras que interpretam o duplo papel: vender/ desvendar. Ou seja, entender a necessidade, na urbe actual, do Ser Humano se confrontar com mitos passados que se reinterpretam, numa actualidade mediática, como formas de estar, pensar e sentir de cada individuo como demiurgo, que, possuindo os seus anseios, promove a sua actuação no palco da Vida e do quotidiano.

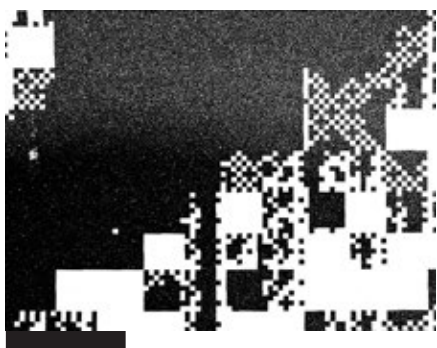
ENTRADA GRATUITA





«Pontos de Vista(s)»

A exposição de fotografia de Carlos Cunha «Pontos de Vista(s)» inaugura no próximo sábado, dia 30 de Janeiro, às 16 horas, na galeria Tomás Costa, em Oliveira de Azeméis. A mostra pode ser visitada até 21 de Fevereiro.



«Automatização»

A exposição individual da artista belga Johnny Ripato | AutomatiX | Alix Le Grouyellec intitulada «Automatização» pode ser visitada, até 27 de Fevereiro, na DaVinci art gallery, Porto.

Manuel Casal Aguiar e Tiago Madaleno no Lugar do Desenho

O Lugar de Desenho | Fundação Júlio Resende, em Gondomar, acolhe duas novas exposições temporárias até 28 de Fevereiro. «Impressões», um conjunto de desenhos múltiplos de Manuel Casal Aguiar, encontra-se na sala de exposições temporárias; Tiago Madaleno expõe «do sopra para o caule» na sala 3 da Fundação.



Trabalho de Manuel Casal Aguiar



Trabalho de Tiago Madaleno



«Rosto Máscara», óleo s. tela, 100x100cm, 2014

Os caretos transmontanos de Balbina Mendes na Austrália

A artista plástica portuguesa Balbina Mendes tem estado a exibir a sua obra na Austrália. A exposição de pintura «Mitos e Ritos | Nas Máscaras Tradicionais de Portugal» pode ser visitada até Julho (de segunda a sexta, entre as 9 e as 13 horas), no Consulado-geral de Portugal em Sidney.

DEVIR ESPIRITUAL

- Vestimos o hábito, colocamos a máscara e saímos para a rua dançando, num gesto de intervenção social, cultural e pessoal. - Somos espíritos que se libertam! - Somos a celebração da vida!

Os caretos Transmontanos que Balbina Mendes pinta, são a pura essência de uma sociedade que permanece viva, que se demora, mesmo que resiliente para não sucumbir a pressões proto contemporâneas do *ser igual a toda a gente*. É existir contra todas as expectativas na continuidade de um tempo que parece não mais existir, que parece não mais encaixar na anormalidade dos dias, repletos de lugares comuns e triviais interesses.

Tal como as personagens que representa, Balbina é uma resistente que não se conforma com a natureza superficial dos dias, dos lugares sem referência e do tempo sem tempo. Balbina pinta a permanência do ritual, do profano que ambiciona o espiritual, da força primordial, numa autenticidade que compreende origem, formação e emoção.

A pintura de Balbina ocupa primeiramente este lugar de preservação da memória cultural, da sua cultura, para depois evidenciar que cada pintura é em si o vestir de um hábito, do realizar uma dança. Mas contrariamente às suas personagens, aqui a autora retira a máscara - a máscara do quotidiano - e segue objetivamente a busca da origem, do intemporal, da emoção pura. E, por isso, cada pintura é mais uma etapa de uma busca, cada pintura é um devir espiritual.

Domingo Loureiro, Professor da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Novembro de 2015

«Sur Motif»

A colectiva de pintura «Sur Motif» - que conta com trabalhos de artistas nacionais e internacionais, nomeadamente Júlio Pomar, Júlio Resende, Jason Berger e Joaquín Balsa - está patente na

Forgescom Art Gallery (nas instalações da Forgescom - Gestão e Comunicação), em Vila Nova de Gaia. A exposição permanente pode ser visitada das 14 às 18 horas.

Fernando Lanhas e Álvaro Lapa na Quadrado Azul

A Quadrado Azul de Lisboa acolhe, até 19 de Março, uma exposição que celebra o espaço e o tempo. É a oportunidade de visitar a obra de um artista que, também arquitecto, inaugurou uma visão impar da espacialidade e uma incursão no abstraccionismo sem precedentes em Portugal. A presença de Fernando Lanhas (1923-2012) na galeria Quadrado Azul é tão antiga como a fundação da própria. A exposição apresenta trabalhos desenvolvidos por Fernando Lanhas ao longo da década de 60. Algumas das obras foram apresentadas na Bienal de Veneza de 1960 e na 6.ª edição da Bienal Internacional de Arte de São Paulo em 1961, que contaram com a participação do artista. A exposição integra ainda algumas obras tardias de Fernando Lanhas, datadas dos últimos anos de vida do artista. Na galeria do Porto pode ser revisitado Álvaro Lapa (1939-2006), dez anos de-



Sem título, de Fernando Lanhas. 1961. Óleo sobre taboapan

pois da morte do artista e poeta. “Com um glossário simbólico único, pautado pela constante hibridez entre o pictórico e a palavra, Álvaro Lapa será sempre

o artista da forma falada e da palavra informe, da insurreição contra o virtuosismo e a herança estética”. A mostra está patente até 12 de Março.



«um par = um ímpar»

A Casa-Museu Teixeira Lopes, em Vila Nova de Gaia, tem patente a exposição de Celeste Cerqueira e Silvestre Pestana «um par = um ímpar». A mostra pode ser visitada até 20 de Março.

«Urban Bath»

Victor Costa expõe «Urban Bath» na Galeria São Mamede do Porto. A mostra de pintura e desenho pode ser visitada até 15 de Março.



Sem título

«Arte Itinerante no Porto»

A exposição «Arte Itinerante no Porto» exhibe as obras dos alunos da Escola Básica de Carregal do Sal e da ACE Escola de Artes, na Casa da Beira Alta, no Porto, até ao dia 30 de Janeiro, com entrada livre. Os trabalhos expostos resultaram da observação das obras de 20 artistas. “Reunir artistas veteranos, novos talentos e jovens estudantes, é um dos principais objectivos da «Arte Itinerante no Porto»”.

«Tons de Vermelho»

A exposição de pintura «Tons de Vermelho» pode ser visitada até ao final de Fevereiro, na Traga-Mundos - livros e vinhos, coisas e loisas do Douro, em Vila Real. O autor, Greeny - pintor e poeta; estudante -, mostra um conjunto de cinco pinturas, imaginadas como polaroids tiradas por Warhol e trabalhadas por Basquiat.



Exposições no Museu Municipal de Espinho

O Museu Municipal de Espinho acolhe duas exposições. «Mirita Casimiro | Vida e Obra» pode ser visitada até 12 Março. Maria Zulmira Casimiro de Almeida, mais conhecida pelo nome artístico de Mirita Casimiro, nasceu em Espinho no dia 10 de Outubro de 1914. A mostra retrata em imagens a vida e a obra desta espinhense ilustre e é complementada com objectos pessoais, trajes e outros elementos iconográficos.

A outra exposição, «Fashion Kids», é de fotografia e está patente até 11 de Fevereiro. Este é um projecto de solidariedade social que teve como principal objectivo, possibilitar às crianças do Serviço de Pediatria do IPO-Porto, a oportunidade de “vestirem a pele” de um(a) manequim de moda e é itinerante.

«No Limiar da Visibilidade»

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves apresenta, a partir de 30 de Janeiro, a exposição «No Limiar da Visibilidade» de Wolfgang Tillmans (1968, Remscheid, Alemanha), um dos mais reputados fotógrafos contemporâneos. Para a sua primeira exposição em Portugal, Wolfgang Tillmans presta especial atenção ao que descreve como as suas «Paisagens Verticais», fotografias dos fenómenos naturais da luz quando o dia encontra a noite, o céu encontra a terra, a nuvem encontra o céu. Os trabalhos, datados de 1995 ao presente, são impressas em escalas que vão das dimensões fotográficas standardizadas à expansão panorâmica de quatro metros. A mostra, que inaugura no dia 29 de Janeiro, pode ser visitada até 25 de Abril.





Obra de Rodrigo Oliveira

Crti-NI Produções

«Identities - variáveis convergentes»

A Casa-Museu Abel Salazar (S. Mamede de Infesta) acolhe o fim da itinerância da exposição «Identities - variáveis convergentes» até dia 4 de Março. Com curadoria de Marzia Bruno, a colectiva é composta por trabalhos de Ana Vieira, André Alves, Isaque Pinheiro, Miguel Leal, Raquel Melgue, Rodrigo Oliveira e Vítor Israel. "Trata-se de um projecto curatorial, realizado no âmbito de um doutoramento pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que contempla um diálogo entre a arte contemporânea e um espólio/espço museológico onde esta não está habitualmente prevista". O projecto esteve na Cidade Velha (Cabo Verde) e em Aveiro.

«Coletiva 23»

A Galeria de Arte Rui Alberto, no Porto, tem patente, até 12 de Março, a exposição «Coletiva 23». A mostra, que é uma sátira ao IVA, inclui 23 artistas de distintas áreas: pintura, desenho, escultura, tapeçaria e mobiliário.

«Imagens para palavras»

A exposição de Evelina Oliveira «Imagens para palavras» - de desenho e originais de ilustração - está patente na Galeria Porto Oriental até ao dia 27 de Fevereiro.



«A privacidade»



«Bosque»

«Se já não fosse...»

A exposição individual de Susana Chiocca «Se já não fosse...» inaugura no dia 13 de Fevereiro, às 16 horas, no Espaço Mira, no Porto (Campanhã). O título foi retirado de um poema de Luca Argel que integra o vídeo com o mesmo nome e que fará parte da mostra. «Se já não fosse...» traz consigo uma ambivalência de algo que já não é e de algo

que o é evidentemente. Esta ambiguidade e paradoxo serão trabalhados através da poesia, do vídeo, da fotografia, do desenho e da performance realçando a actualidade político-social". A artista estará em residência artística no Espaço Mira entre 8 de Fevereiro e 5 de Março, último dia para visitar a exposição.



«N.ª Sra. da Victória»

«Os Santos Fazem Milagres»

O Museu de Arte Sacra, na Covilhã, acolhe a exposição de pintura «Os Santos Fazem Milagres», de Amália Soares. A mostra, onde se podem observar os pormenores e detalhes que a autora imprime nas suas pinturas, pode ser visitada até 28 de Fevereiro.

«De volta à Casa de Gramido»

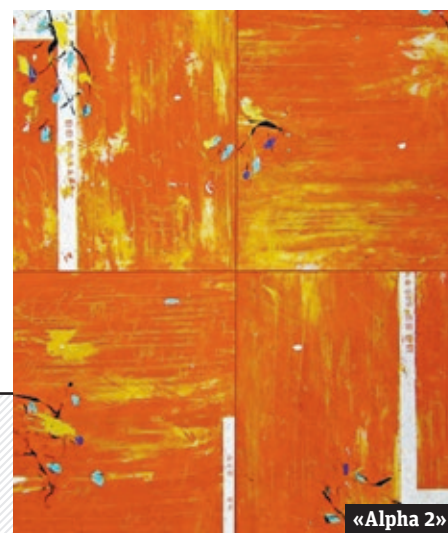
O Pintor Feio expõe individualmente na Casa Branca de Gramido, Valbom (Gondomar), até 28 de Fevereiro. A exposição intitula-se «De volta à Casa de Gramido».



«Ribeira de Abade», 1989

«Pura Afeição II»

O Casino Estoril tem patente a exposição de pintura «Pura Afeição II», da artista chinesa Canal Cheong-Jagerroos, até 15 de Fevereiro. A primeira edição de «Pura Afeição» foi realizada na Fundação Rui Cunha, em Macau, em 2014, sendo a segunda que agora se apresenta integrada por trabalhos totalmente diferentes.



«Alpha 2»



Helena AM Pereira
museóloga

Sobre os “pintores malditos” e os “museus benditos” da Europa

A História da Arte, ao longo de séculos, apelidou alguns dos seus mais notáveis protagonistas de “malditos”. É na obra de Peter Harris, “El Pintor Maldito”¹, que encontramos **Caravaggio** (1571-1610), pintor do barroco que, para a representação de temas bíblicos preferiu, em muitos casos, recorrer à imagem de gentes do povo, modelos humanos tais como prostitutas ou mendigos. Foi sempre considerado como enigmático, fascinante e perigoso, estando a sua biografia repleta de episódios em que desafia o instintivo. Morreu precocemente e em circunstâncias desconhecidas.

É também de Itália que nos chega **Amadeo Modigliani** (1884-1920), “El Maldito” como o apelidaram os seus amigos artistas franceses como Cocteau, Picasso ou Brancusi, um pintor intrépido que decidiu realizar a sua carreira à margem de correntes artísticas como o cubismo ou o fauvismo que dominavam o tempo e o espaço em que viveu. As suas influências são a pintura da renascença italiana e a arte africana que, sem dúvida, impregna a atmosfera das suas obras. O mundo de Modigliani foi o da melancolia, com numerosos amores e excessos de todo o tipo de drogas e de álcool, em busca de um estado de vertigem, de ebulição de ideias.

No contexto dos artistas portugueses poderíamos considerar o caso de **Santa-Rita Pintor** (1889-1918), considerado o primeiro futurista português e impulsor do movimento do “Orpheu”. Da sua obra, contudo, pouco sobreviveu pois Santa-Rita nunca quis que a obra morresse com ele e pediu à família para queimar tudo após a sua morte. “Pintor Maldito”, por isso, mas também por um conjunto de atitudes que revelavam o seu inconformismo com o vigente, estático e instruído. Nunca chegou a expor em Portugal e alguns quadros foram reproduzidos em publicações, sendo o que nos resta deste artista para memória futura.

Os exemplos multiplicam-se e podíamos tam-



bém referir os de **Ismael Nery** (1900-1934) ou de **Bruno Amadio** (1911-1981), naturais do Brasil e de Itália, respetivamente. Mas não foram estes que se encontram, num passado bem próximo, na cidade das liberdades: Amesterdão.

Não o apelidaram de maldito, mas também a **Van Gogh** (1853-1890) cabe uma referência nesta história. Van Gogh é considerado, por vários autores, como o pai dos movimentos modernos. Contudo, se hoje a sua obra merece destaque no contexto da História da Arte, a sua biografia no plano artístico está remetida ao quase anonimato e, do ponto de vista pessoal, aparece-nos, à luz da época, repleta de fracassos. Van Gogh não constituiu família, foi incapaz de manter a sua própria subsistência ou até mesmo de manter contactos sociais. Aos 37 anos, sucumbiu a uma doença mental, cometendo suicídio. Um ano e meio antes de ter posto fim à vida, terá pintado o autorretrato da automutilação em que aparece com a orelha cortada. O reconhecimento póstumo da sua obra dá-se, sobretudo, a partir de uma exposição em Paris, inaugurada em março de 1901.

Edvard Munch (1863-1944) é considerado um dos percursores do expressionismo alemão. “O Grito”, considerada a sua obra máxima e uma das mais importantes da história do expressionismo, retrata a angústia e o desespero e foi inspirada nas deceções que marcam

o percurso de vida deste artista norueguês, impregnado de doença e morte. Aliás, o estado de espírito do artista, no contexto de produção desta obra, está bem patente nas linhas que escreveu no seu diário:

*Passeava com dois amigos ao pôr-do-sol - o céu ficou de súbito vermelho-sangue - eu parei, exausto, e inclinei-me sobre a mureta - havia sangue e línguas de fogo sobre o azul-escuro do fjord e sobre a cidade - os meus amigos continuaram, mas eu fiquei ali a tremer de ansiedade - e senti o grito infinito da Natureza.*²

Sobre Van Gogh e Munch, ambos considerados os percursores dos movimentos modernos e, em particular, do expressionismo, o mais curioso é que apesar dos paralelismos entre os seus dois percursos, quer pessoais, quer artísticos, em vida, nunca se terão encontrado. Interesse redobrado, portanto, numa visita a Amesterdão por estes dias, para a exposição **MUNCH: VAN GOGH**, que esteve patente no Museu Van Gogh de 25 de setembro de 2015 a 17 de janeiro de 2016. De museografia exemplar, construindo verdadeiros diálogos plásticos entre os dois artistas, a exposição impressiona-nos pelas relações, não só entre as obras destes dois artistas, como pelas relações com obras de outros artistas que os influenciaram, por um lado, ou de outros seus contemporâneos e com os quais privaram. Um exercício exemplar também de comunicação com os públicos e de colaboração entre duas instituições museológicas “benditas”, não só pelos seus espólios, mas pela forma inquieta com que trabalham a ideia dos museus vivos, cosmopolitas e arrojados, longe dos tão tradicionais templos do silêncio e da clausura dos objetos. Notas para a reflexão do setor, em Portugal, ainda muito agarrado ao passado.

NOTA

¹ HARRIS, Peter - *El Pintor Maldito*, Barcelona: Random, 2013.

² BISCHOFF, Ulrich - *Munch*, Colónia: Taschen, 2004. Página 47.



Alberto Cadilhe

Compensação e reconhecimento

Nem sempre a honra e o mérito, que em si integram valor imaterial, se enquadram bem na expressão contabilística do 'deve e haver', como nem sempre estão em sintonia com as regras técnicas plasmadas pela matemática e pela teoria económica.

Não sou versado (e muito menos especialista) em história, economia e finanças, motivo por que a interligação dos factos abaixo descritos e as razões a propósito aí aduzidas são fruto de análise simples, ocasionada por mera curiosidade e sem matriz científica, deixando desde já o caso em apreço à douda apreciação dos entendidos no assunto. Colocada a presente advertência a título de intróito, cumpre-nos referir o seguinte: Os descobridores portugueses (Gil Eanes, Gonçalves Zarco, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Fernão Magalhães, Bartolomeu Perestrelo, Afonso de Albuquerque, Tristão da Cunha, entre outros) jamais poderão ser esquecidos pela Humanidade e, particularmente, pela Europa.

Como refere Camões, Portugal foi "*por mares nunca dantes navegados*" até aos confins do mundo, sendo certo que, "*se mais mundo houvera, lá chegara*". A proeza lusitana abriu, através do mar, novas rotas e caminhos, proporcionando o desenvolvimento da indústria e comércio europeus. Em certa medida, tal não teria ocorrido não fora a descoberta da via marítima rumo ao Oriente e dos novos mercados aí surgidos. (Na altura, a indústria era artesanal e movida quase apenas pela força do trabalho).

É momento para perguntar por que razão Portugal, sob o ponto de vista económico, se encontra debilitado e nunca conseguiu estar na primeira linha dos países europeus, quando todo o mundo sabe que os descobrimentos acima relatados trouxeram à Europa enormes benefícios? À partida convém realçar que tal empreendimento só podia ser feito por gente culta na arte da navegação, destemida e dedicada ao seu trabalho.

Claro que, perante a citada tarefa marítima, os portugueses viram-se de certo modo impedidos de produzir os bens que necessitavam para os comercializarem no Oriente, ficando então a sua indústria (excepto a da construção



Padrão dos Descobrimentos, Lisboa

naval) diminuída e sem possibilidade de competir.

Aliás, como é lógico, grande parte da 'mão-de-obra' portuguesa se encontrava afectada às viagens, ao estabelecimento dos necessários contactos, feitorias e ligações entre o reino português e a gente das terras por onde passavam e à sua posterior colonização.

Estivemos assim a contribuir, por forma indirecta mas eficaz, para o desenvolvimento das nações da Europa e a perder, nesse aspecto, triliões e triliões de horas de trabalho da referida mão-de-obra... No fundo, os portugueses, face à gloriosa missão assumida, só se preocupavam com o comércio, ficando a indústria parada por falta de pessoal. Permanecemos, com referência aos ditos países, em situação de inferioridade produtiva. E, em princípio, quem vai à frente não se deixa ultrapassar (*).

Fascinados pela descoberta do mundo, os portugueses concretizaram os seus ideais e desenvolveram o comércio sem o suporte paralelo da respectiva indústria. Note-se que, nas suas tarefas e viagens, tiveram ainda de enfrentar a 'pirataria', então espalhada pelos mares, que destruída em boa parte o ganho da comercialização com o Oriente. Quer se queira quer não, Portugal, apesar de na época ostentar certo fausto e aparente riqueza, ficou pelos tempos fora com um atraso de todo irreversível no sector económico e industrial, sem prejuízo do esforço feito em contrário, da categoria da nossa produção e da boa qualidade dos nossos artigos.

Há, pois, um atraso (que já vem de longa data) quanto à nossa situação económica e produtiva relativamente à maioria da comunida-

de europeia, atraso desencadeado pelos descobrimentos e pelo consequente desvio de 'mão-de-obra' (**). Qualquer recuperação sem auxílio exterior (amigo e compreensivo) é muito difícil, até porque, como se disse, por razões de coerência, os países da vanguarda económica não se deixam ficar para trás na competição com os demais. No auxílio prestado ou a prestar não devia ser esquecido o excelente e prestimoso contributo que Portugal concedeu ao mundo.

Importa de novo reafirmar que na base do tema acima exposto não está camuflada qualquer 'te-

se' e muito menos 'conclusiva' sobre o assunto em causa.

Em suma: com os descobrimentos os portugueses são autores de uma extraordinária proeza civilizacional, deram um grande passo para a evolução do mundo e abriram uma das portas para a era moderna, pelo que tal façanha é, sem dúvida, pressuposto irrefutável e causa (remota) do aparecimento dessa mesma era moderna. Sem questionar as obrigações por nós assumidas (ou a assumir), julga-se que (não só em termos sociais, históricos, culturais e éticos, mas também pela motivação supra alegada) muito maior é a dívida da Europa para com Portugal!... E não há fiador, moeda ou estrutura bancária que possa pagar, compensar ou avalizar essa dívida europeia de reconhecimento para com o nosso País...

A gesta portuguesa dos descobrimentos tem de ser reconhecida e honrada pela Europa e inscrita mundialmente (se não o foi ainda) no arquivo da História como Património Imaterial da Humanidade

NOTA

(*) - Os países que procuraram seguir o caminho dos portugueses tiveram o exemplo à vista para, a tempo, prepararem e acautelarem a sua acção e assim corrigirem eventuais erros cometidos.

(**) - Atraso axiomático: a 'mão-de-obra' ia ficando pelas terras descobertas, dando-se a colonização. Já noutra perspectiva surgiu mais tarde a emigração dos portugueses, sobretudo para a Europa, e a guerra colonial (ultramarina). Depois, com a independência das colónias, houve de repente (com todo o direito) o retorno desenfreado de portugueses à terra mãe. Tudo a acentuar as condições insustentáveis por que passou a referida 'mão-de-obra' e a indústria nacional nestes últimos séculos.



Pedro Cardim Ribeiro
professor de filosofia

Aldeia do Espírito Santo – Poética de um Conflito Metafísico II

III Asfalto quente e húmido. Entranhas rasgadas, da alma até ao tutano. Luz cortante, maquinal, indiferente. Estômago como fronteira interior, alma feita vazio no centro do corpo. Faço-me superfície de tudo. Faz-me superfície de tudo! E não há mais tempo, nem ar. Inspiro-me em desalento, por inteiro. Vertigem por dentro, sóbria e possessiva, nobre, vetusta e eterna, escondida por fragmentos sobrepostos fingindo dar-me real unidade. Sou-me no modo como conto e risco a história a que chamo minha. Palimpsesto escrito e reescrito com a pena da mais profunda ignorância. História feita presunção. Por detrás: não-ser, incoerência total. E, irónico, obscuro, indefinível e paradoxalmente trágico, o humor. Como unidade possível. Como unidade possível. Como unidade possível.

Tudo o que se vive dilui-se no vazio. Tempo que transpõe o sentido das experiências para o nada inevitável. Nada é. Como encontrar real significado? Procura da repetição do original? Incoerência. Romance inevitável como ilusão de vencer o nada da morte. Minha e do universo. E o avô continua a ler o jornal no carro. Notícias do actual, do que não tem futuro. Como tudo.

Estrelícias desalinhas, cão de infância, centopeias feitas trilhos serpenteando por mim como o movimento de um moinho de orações. Ladainha que gira, repete, volta a mim, torna-me meu. Anaxímenes, por um momento, tem razão. Literalmente. Um grito do vento na areia, um Guincho, e tudo o que me antecede aparece-me como eterno; mas apenas me sou quando me apercebo de que o eterno morre. O avô meu é a nossa passagem de testemunho, é a eternidade a confundir-me e a formar-me. Com uma mão me faz puro e com a outra me rouba a dádiva do infinito. E em mim uma primeva ausência me molda, ausência forçada, terra molhada, quente nada; ar que se ilude porquanto se crê responsável por queimar o Inverno na lareira dos meus mais recônditos anseios.

IV Ter consciência é ser separado, finito, mortal. Como pensar numa totalidade consciente? E aceitamos um materialismo extremo de Deus? Como pensar num Deus sem consciência? Panteísmo indife-



Aldeia do Espírito Santo

rente? Sua origem? Mais um beco sem saída. Nem sabemos bem o que desejamos; apenas podemos saber que em nós há desejo metafísico. E nada corresponde. Pior, nem a possível existência de Deus parece poder fazer cessar esta angústia.

Identidade que em si se forma no tempo. Retornar a si. Sempre. E o caminho dos vinhateiros, na areia húmida, reenvia-me para o mar. «Vamos à água». Arcos eternos de quintas velhas unindo o que a estrada separou. Recantos devassados por vontade própria. Enigmas que mais valia não ter de ignorar. E o palácio ergue-se perfeito enquanto imperfeição divina, qual prova da existência de Deus - válida mesmo que Deus não exista. Beleza etérea. Inexistência pura. Velhos mais novos do que aparentam, prolongamentos da terra, inconscientes de qualquer género de beleza porque a são em si de modo brutal; recortes da pedra, deuses, Penedo, Aldeia do Espírito Santo. 4L vermelha. «Abaixa-te que está ali a polícia». Afoito me fizeste, ilusão elevada pelo pensamento, mudança por efectuar. Recolhe-te em mim, Inverno. Lenha jogada para o carro. Recolher, projectar, destruir. «Vamos à água». Eterno retorno de mim a mim próprio.

E o avô continua a ler o jornal no carro. Notícias do actual, do que não tem futuro. Como tudo.

A consciência é o ritmo do tempo. Não há devir sem pensamento. A materialidade não muda porque não sabe que muda. Só para nós há mudança. Fazia-Te mortal se isso fosse possível. A totalidade fragmentar-se-ia aos meus pés. Impossível. Quero. Quero. 4L vermelha, eterna e metálica ultrapassagem da vida, materialismo puro.

V Deslocar a atenção para o que realmente acontece, atento aos detalhes e suprimindo a tentação de atribuir significados às coisas. Palavras escutadas são sons, timbre e comportamento. E no vermelho quente do casario não há casas ou cores, há disso apenas uma perspectiva e uma espécie de sensibilidade a que chamo minha. Não há vazios por onde construir verdadeira nostalgia, nem acção real; não há desejo sentido e, assim, quase não há angústia. Acontecimentos feitos acaso, superfície distendida e total.

Erramos num pórtico eterno sem Deus? Ou esta existência a que chamamos nossa é divina e nem sequer nos apercebemos disso?



Francisco Noronha
crítico de cinema:
franciskonoronha710@gmail.com

Crítica de cinema

Diário de Uma Criada de Quarto (2015),

Benoît Jacquot ★★

A sensação com que se fica depois de sair da sala é a mesma de *3 Corações* (2014), o filme anterior de Jacquot: a de que o francês, partindo para o filme com matéria interessante q.b., desbarata o que tem nas mãos e desorienta-se, traduzindo-se o saldo final num filme desequilibrado, desconexo e com demasiadas pontas soltas (a personagem do Capitão, a gravidez da criada, a morte da criança), às quais não é dado qualquer seguimento substancial e parecendo existir apenas como sugestão de algo narrativamente interessante que nunca chega, afinal, a concretizar-se (os *flashbacks* estéreis - que nada acrescentam à composição da personagem principal - para quê?). Ou talvez essas pontas sejam, de um outro prisma, o reflexo de uma adaptação algo canhestra à obra original de Octave Mirbeau, já trabalhada no cinema por gente como Renoir e Buñuel. E é pena, desde logo pelas presenças de Léa Seydoux (Célestine, cujos murmúrios parecem, a certa altura, indiciar uma brechtiana queda da "quarta parede", como se fôssemos cúmplices do seu rancor aos patrões) e de Vincent London (Joseph), demasiado "grandes" para o filme. Depois, porque, reconheça-se, Jacquot sabe o que faz com a câmara (e com a música), algo visível nos *zoom in* intensos com que se aproxima das personagens, o que confere às cenas um tom algo surrealista, condizente com os "crimes e escapadelas" macabros que passam as relações de força entre patrões e empregados, exploradores e explorados, conquanto estes últimos não sejam maniqueistamente pintados como integralmente "bons" (os empregados que inicialmente destratam Célestine por ela ser, apesar de empregada, uma "parisienne"; o anti-semitismo de Joseph). Um filme desperdiçado, portanto (que falta fazem o requinte e a perversidade do Buñuel de *Viridiana* ou do Chabrol de *A Cerimónia*), e do qual se salva a interpretação irrepreensível de Seydoux, a confirmá-la como uma das grandes atrizes francesas da sua geração (e inclusivamente de, digamos, "prestígio mundial", como a sua chamada para *bond girl* no último 007 o comprova).

45 Anos (2015),

Andrew Haigh ★★

Num filme em que a música (e que música) está tão presente, com uma função intra-diegética tão poderosa, talvez não seja descabido olhar para o título e vê-lo não como significando ape-



Do filme «Diário de Uma Criada de Quarto»



«45 anos»

nas uma data, um conjunto de anos, mas também como um conjunto de... rotações. *45 RPM*, então: é a este ritmo, maduro e bem vivido, próprio de um single tão velho quanto maravilhoso como o "Smoke Get In Your Eyes" (dos saudos The Platters) a rodar no gira-discos, que Kate e Geoff (Charlotte Rampling e Tom Courtenay, ambos estupendos) vivem o seu casamento na velhice, entre livros (e talvez a insistência de Geoff em voltar a Kierkegaard indicie algo do que virá...), passeios pelo campo e *cups of tea*, até que uma inesperada carta lhes chega a casa, isto a uma semana de celebrarem a festa dos 45 anos do seu casamento. Haigh filma com uma serenidade e uma elegância que quase passam despercebidas, como se fosse fácil, mas não é; há um perfeito sentido de *mise en scène*, ao qual ajuda, é certo, a experiência de Rampling e Courtenay (que, segundo consta, apenas se reuniram no dia anterior às filmagens para ler o argumento), mas a qual não seria suficiente para filmar, como Haigh o faz, por exemplo, Kate a ver os slides no sótão - um grande momento de cinema em que os fantasmas vêm ao de cima, no escuro, por força do *medium* fotográfico (como o cinematográfico), espécie de projector místico

do passado enquanto matéria semi-adormecida, imprevisível, capaz de ressuscitar questões (e pessoas) pretensamente enterradas (o problema é também esse: Katya nunca foi enterrada, literal e metaforicamente). Momento em que imagem (da desaparecida Katya) e som (do vento e da água das paisagens onde se vê Katya, elementos que Haighes "cola" ao filme e à imaginação auto-flageladora de Kate), na sua extrema sensorialidade, abanarão os sentidos (precisamente) de Kate, a partir daí definitivamente desorientada. Tanto ou mais que o marido, que entra numa espécie de depressão "desinteressada" e unicamente centrada em procurar "macacos" ... no sótão (nem de propósito). Naquele que é, outrossim, um estudo sobre o modo diverso como os homens e as mulheres lidam com os afectos (e quanta razão tem a amiga de Kate quando lhe diz que os homens choram sempre nos grandes momentos, mesmo os mais duros), Haigh contrapõe todo este caos privado da intimidade à normalidade que o casal aparenta em público. O que, além de honesto (a vida não é assim?), deixa, na última e fabulosa cena, Kate e o próprio filme em suspenso (ou será que não? aquele braço que tomba, revoltado; o "Go now" dos The Moody Blues que se ouvira um pouco antes...), um declarado *open ending* que subtrai ao espectador o poder de julgar seja quem for (até porque, no final das contas, o que se passou entre Geoff e Katya aconteceu antes de Kate o conhecer, não havendo, por isso, sequer qualquer "infidelidade" em equação...). Ao contrário daquilo que tantas vezes se diz, o passado *não é* passado - sobretudo quando o ciúme é a pá utilizada para o desenterrar.



José Atalaya
maestro

Beethoven ontem e hoje

Em Portugal só dois Maestros (Freitas Branco e eu próprio) até hoje aceitaram dirigir a Philharmonica Orchestra, depois de terem sido convidados a isso.

Recuo a Março de 1974. Naquele ano, a famosíssima orquestra resolve protagonizar durante toda uma semana, no Coliseu de Lisboa, um dos maiores acontecimentos de SEMPRE em Portugal.

Repetindo o que já fizera noutras capitais da Europa e dos Estados Unidos: Audição integral, numa única semana, de todas as sinfonias de Ludwig van Beethoven.

Nesse ano, 1974, fui convidado a dirigir Beethoven. As nove sinfonias daquele compositor aconteceram em sete dias seguidos tendo como protagonistas alguns dos seus máximos regentes habituais de reconhecido mérito mundial. Já agora um pouco de história.

A Philharmonica Orchestra nasceu da necessidade de, em 1945, regravar todo o repertório clássico, com os maiores regentes da época, logo após a destruição pela II Guerra Mundial (1939-1945) das principais orquestras sinfónicas europeias, designadamente as ultra famosas Filarmónica de Berlim e Filarmónica de Viena. E a ideia teve origem no cérebro privilegiado de Walter Legge, marido da grande cantora Elisabeth Swarzkopf.

Recordo a propósito, ainda e a quem não o sabia, que já dirigi (e gravei!) oito das nove sinfonias de Beethoven. E só não gravei (ainda) a NONA - a NONA de Beethoven! - porque... alguém... incomodado com a minha insólita "teimosia"...

Mas atenção! Acerca dessa NONA Sinfonia de Beethoven estou seguro que "presto" a farei um dia destes, tempos revolucionários - Hino à Alegria, à Liberdade, a autêntica. Talvez em breve e exactamente com a mesma orquestra com a qual a "NONA" já esteve programada e por mim.

Entretanto, o meu próximo disco beethoveniano já caminha, e precisamente com o coro portuense que já dirigi na interpretação de *O Messias* de Haendel.

Assim, tenho este projecto actual e renovado: gravar a "Nona" porque esta sinfonia em ré menor é um hino à autêntica liberdade, que tenho a certeza é apreciado por todos, desde



o estudante, ao melómano de qualquer idade, ao cidadão amante de boa Música, situado em qualquer ponto geográfico (de todo o Planeta Terra).

Beethoven é um estímulo inovador, julgo eu, o mais evidente, é "clássico dos clássicos de sempre", como muitas vezes tenho gostado de o designar desde os meus programas televisivos, de antanho, (alvorecer da RTP, só até 1974--)- saudosos tempos esses os de Carlos Miguel Araújo.

Foi ele, Beethoven, recordo hoje, como tantas vezes revelei em família, que, aos meus catorze anos, me libertou do excessivo fascínio dos "ligeiros". Tal como acontece hoje com os autores e cançonetistas modernos que levam atrás de si o entusiasmo de milhares de pessoas, também no meu tempo de jovem, eu não dispensava o meu Bing Crosby (1904-1977), o Frank Sinatra, este muito mais jovem, e nascido ao que sei, em 1915. Estes foram, aliás, os dois principais ídolos musicais da minha adolescência (confesso-o), mas também seguia os passos do grande Maestro André Kostelanetz (1901-1980), nascido na Rússia fixando-se depois gloriosamente nos EUA, a partir de

1922. Sabiam que este Maestro chegou a ser maestro-convidado da Orquestra Filarmónica de New York? Eu, só soube mais tarde, tornando-se nessa época, a dos meus catorze anos, muito conhecido pelos arranjos de música ligeira, que dirigiu com orquestra própria. Estes três nomes ainda hoje vagueiam nas minhas recordações desses felizes tempos!

Mas... de um momento para outro - e lembro-me como se tivesse acontecido ontem mesmo - o dia exacto em que, como tenho referido e a propósito da minha súbita "conversão" aos compositores da "clássica", o dia exacto em que senti a epifania da música clássica, sobretudo a beethoveniana, foi aquele em que Isidro Aranha, aos microfones da Emissora Nacional (EN), me revela, Beethoven. Puro acaso, eu não ouvia nunca "música clássica", mas naquele dia o locutor falava de um "génio - talvez para muitos, o maior da cultura austro-alemã" e convidava os ouvintes para escutar o início do *Concerto n.º 4, para piano e orquestra*, de Beethoven.

Ele Isidro Aranha, disse então, na EN: "Esses compassos são, muito simplesmente, diálogo entre... duas pessoas!"

"O piano diz algo, a orquestra gosta, responde-lhe, e assim prossegue, mais triste ou mais alegre, desde o princípio até ao fim".

Pum! Tanto me bastou, entre surpreso e convencido, para ficar de imediato e para todo o sempre fascinado com aquela "revelação" (tão certa) de um homem da Rádio desses tempos tão difíceis! Depois, pela minha parte, passei a só ouvir, noite e dia, sempre que podia, clássicos e românticos, os maiores como Bach, Mozart, Beethoven, Schubert (quatro e mais outros três compositores os da minha vida desse tempo). Claro, eles foram Chopin, Schumann e Tchaikowsky. São os meus SETE maiores desde que me viciéi no número SETE, e ele, o 7 se apoderou - talvez indevidamente de mim. "Numerólogo e Cristão assumido" - embora difícil "ir à missa"...

Minha Mãe um dia conformou-se, muito a custo, é verdade, quando eu lhe disse: "Portar-me bem para ir para o Céu, cheira-me a negócio... não gosto..."

Memórias!!!

OLIV ATALAYANDO
José.atalaya.7 etc.

Aureliano da Fonseca [1915-2016]

O eterno estudante

Morreu Aureliano da Fonseca. Morreu o primeiro médico português que viu reconhecida a especialização em Dermatologia pela Ordem dos Médicos e exerceu muito para lá dos 90 anos. Morreu aos 100, na madrugada de 16 de Janeiro. Completaria 101 no dia 25 de Fevereiro. Teve uma intensa actividade profissional e tem obra publicada nessa área, mas também se destacou noutros campos. Além da composição com que refundou em 1937 o Orfeão Universitário do Porto, Aureliano da Fonseca será recordado pela extensão de uma actividade académica, associativa e clínica. Criou aquele que é hoje o hino da Universidade do Porto, «Amores de Estudantes»; foileccionador de mochos, de que resultou a edição do livro «Somos Mochos», o qual apenas dá a conhecer 430 dos mais de 600 coleccionados “vida fora e dentro” e que foi lançado no dia em que se assinalou o sétimo aniversário do jornal As Artes entre As Letras.

O Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos recordou, por altura do falecimento, a memória deste ilustre médico, mas também aluno e professor da Universidade do Porto. Natural da Invicta, nasceu a 25 de Fevereiro de 1915 e licenciou-se em Medicina no ano de 1940 na UP. Fez doutoramento em 1964 na mesma instituição.

Para além de ter sido o primeiro médico português a ver reconhecida a sua especialização em Dermatologia pela Ordem dos Médicos e já depois de organizar um Serviço de Dermatologia e Venereologia no Hospital Militar do Porto, foi pioneiro na prevenção de doenças venéreas e educação sexual através das consultas no Dispensário Central de Higiene Social do Porto.

Foi docente na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto desde 1955 até 1977, altura em que assumiu uma colaboração com a Universidade do Estado de São Paulo para o ensino da sua especialidade e criação do Centro de Pesquisa de Dermatologia Social.

Regressou a Portugal em 1985, mas nunca se aposentou verdadeiramente, mantendo contacto com os seus doentes até completar 99 anos.

Aureliano da Fonseca foi um homem dedi-



cado ao associativismo, tendo pertencido a mais de uma dezena de sociedades científicas, além de ter sido consultor da Organização Mundial da Saúde para as doenças venéreas entre 1966 e 1980. Publicou mais de duas dezenas de livros científicos.

No dia do seu centésimo aniversário foi homenageado na Ordem dos Médicos do Norte, numa iniciativa conjunta com o jornal cultural As Artes entre As Letras, que serviu ainda para o lançamento da obra «100 Anos Cem Versagens», da autoria do próprio. Trata-se de uma obra editada

pela Singular Plural, que presta tributo às versagens de Aureliano da Fonseca e que constitui a sua primeira publicação a este nível. Outra das paixões do dermatologista era a fotografia, que motivou mesmo uma exposição do seu arquivo pessoal aquando da homenagem.

O centenário de Aureliano da Fonseca também foi assinalado pela sua faculdade. A directora da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP) disse na altura ao jornal As Artes entre As Letras que não poderia

deixar passar a oportunidade de que a FMUP lhe cantasse os parabéns. Maria Amélia Ferreira apontou o professor Aureliano - que nunca foi seu docente - como um “daqueles gigantes”, referindo-se à longevidade e ao percurso profissional, mas também a ligação que tinha às artes e à cultura.

Vem desde a primeira edição o contacto do professor com As Artes entre As Letras, mas foi em 2012 que o jornal publicou um trabalho alargado sobre as várias facetas ou “os caminhos cruzados de Aureliano da Fonseca”: Fotografia; Música; Poesia; Medicina. E já nos seis anos de vida d’As Artes entre As Letras escreveu: “Em tempos distantes li e anotei, não sei onde, ser a “arte a capacidade dos humanos desenvolverem em prática uma ideia com a utilização da matéria”. E em outro não sei onde li, e também anotei “ser a arte consequência da materialização de sensações ou estados de espírito de carácter estático e eventualmente a despertar outras realizações”.

Tais definições são simples e concretas entre as diversificadas visões encontradas em dicionários e sobretudo obras de filosofia ou de reflexão.

De qualquer modo, o que se faça de arte terá interesse ser divulgado no meio social por palavras escritas e o mais rigorosamente interpretadoras da realidade, ou em palavras faladas igualmente concretizadoras: no primeiro modo em evidentes letras e no segundo em expressiva voz interpretativa.

Nas duas visualizações é essencial as ideias a evidenciar serem rigorosamente expressivas e porventura desencadeantes de sucessivos novos pensamentos em imagens concretas ou abstractas e se possível fecundantes.

O que se disse foi sugerido a pensar nos Seis anos de vida da revista “AS ARTES ENTRE AS LETRAS”.

Folheando as Revistas deduzi haver em cada número uma média de 10 escritos com atracção e eventualmente de interesse artístico-valorativo e até imaginativo. E se o fascínio eventualmente provocou ou desencadeou estímulo para alargada visão da vida, é de crer que pouco a pouco se amplie o que somos no campo humano e espiritual.

Congratulações a quem dirige e impulsiona a Revista apontada”.

«A Poesia não tem grades» em risco por falta de financiamento

“Na bomba de gasolina não conseguimos pagar com «likes»”

ISABEL FERNANDES

«A Poesia não tem grades» teve início em 2003 e, desde então, tem vindo a sofrer alterações. Depois de em 2013 ter sido “adicionada uma vertente formativa com o projecto «Palavra Chave» que procura formar e coordenar voluntários, motivando-os para a intervenção nos Estabelecimentos Prisionais da sua área de residência”, em 2016 sofrerá nova mudança. Coordenado desde o início por Filipe Lopes e apoiado pelo Grupo «O Contador de Histórias», o projecto vai mudar: “Termina no formato em que se realizava, em registo de voluntariado da minha parte, pois não era possível manter um trabalho profissional sem apoios financeiros que sustentem essa dedicação”. A explicação de Filipe Soares ao jornal As Artes entre As Letras foi dada por via email, mas é possível sentir o desalento..

Quando fala das diferentes reacções ao projecto, parece categórica a distinção que faz dos intervenientes: “O projecto não teria mãos a medir, nem dificuldades de sustentabilidade, se dependesse do interesse dos reclusos. Também por parte da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, o interesse e envolvimento são totais, apesar de não terem possibilidade de apoiar financeiramente”. O tom - se podemos falar em tom na escrita - muda quando se refere à sociedade civil, onde inclui as empresas. “Tem [a sociedade civil] certamente muitas solicitações, mas também tem a limitação das boas intenções, muito bem expressas nas redes sociais. É muito fácil fazer um «like» e sentir que se deu apoio, mas esse apoio moral muitas vezes não chega. Como costume dizer: na caixa da bomba de gasolina não conseguimos pagar em «likes»”.

Filipe Soares explica, então, o projecto, o que muda e o que levou à mudança numa altura em que podemos dizer que a continuidade da iniciativa está ameaçada. “A parte financiada pelo Governo dos Açores está a ser realizada até ao fim deste mês. A partir daí ficamos em suspenso. Ao longo dos últimos anos fomos desenvolvendo uma estratégia de intervenção que é a que nos faz sentido, tendo em conta a experiência acumulada no terreno e o esforço de formação que fizemos. O objectivo é trabalhar continuamente em todos os estabelecimentos prisionais nacionais, realizar intervenções mais estruturadas em pelo menos 10 locais, formar e colocar em acção cerca de uma centena de voluntários que temos na nossa bolsa de interessados, mas também alargar a intervenção a montante e jusante. Fazer prevenção com famílias e adolescentes e colaborar na inserção pós-reclusão. Este projecto foi submetido a diversos concursos para financiamento mas não foi contemplado. Em 2015 realizámos um «crowdfunding» (que não atingiu o objectivo) e editá-



Vitorino Coragem

mos o livro de originais «O lado de dentro do lado de dentro», cujas vendas ficaram aquém do esperado, permitindo apenas recuperar o investimento. Contactámos cerca de 300 das maiores empresas portuguesas, procurando apoios em regime de mecenato ou em troca de serviços, por exemplo através da realização de workshops, formações ou eventos artísticos para os seus funcionários, mas não obtivemos nenhuma resposta positiva. Continuamos no processo de candidatura a fundos comunitários e similares e estamos, naturalmente, disponíveis para receber donativos para a nossa associação, uma entidade sem fins lucrativos”. Referira-se que desde 2015 as acções têm sido desenvolvidas pela Cultiv - Associação de Ideias para a Cultura e Cidadania, que dá expressão social ao projecto, mantendo-se «O Contador de Histórias» como parceiro principal.

Depois de 12 anos a lutar pelo projecto e a levá-lo à prática, Filipe Lopes assume, neste momento de incerteza, que é “um trabalho extremamente enriquecedor, que promove um crescimento humano que dificilmente se conseguiria com outros públicos. Há muito trabalho para realizar com este público e devemos estar conscientes da oportunidade que é trabalhar a experimentação artística como elemento de desenvolvimento pessoal com pessoas circunstancialmente disponíveis e interessadas, quando no seu passado - e talvez no seu futuro - não existisse essa possibilidade”. Foi no Estabelecimento Prisional de Sintra que esta história se iniciou há 12 anos. Desde então percorreu o país, incluindo ilhas.

Filipe Lopes é um dos fundadores do grupo «O Con-

tador de Histórias» - “um colectivo cultural, com base em Tomar, que desenvolve acções de promoção do livro a da leitura, para todas as idades, com sessões de conto, recitais e acções de formação, disponíveis em todo o país” - e dedica-se à promoção do livro e da leitura há mais de 20 anos.

Para além de muitas centenas de sessões realizadas em escolas e bibliotecas, sempre procurou democratizar o acesso à cultura e utilizar a literatura como ferramenta para a integração social, colaborando com entidades como a Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens ou a Fundação do Gil (onde foi coordenador do voluntariado da Hora do Conto). Em 2012 recebeu o prémio «Sorrir na Educação» pelo trabalho desenvolvido nesta área.

No sítio da Internet do projecto está a explicação para a escolha de trabalhar com esta população e não com outras: “Todos os estudos realizados, nos mais diversos países, apontam para resultados positivos neste tipo de intervenção. Em Portugal, a sobrelotação das cadeias e a diminuição de recursos limitam a possibilidade de existirem mais iniciativas similares, realizadas pela própria estrutura dos Estabelecimentos Prisionais.

O momento de reclusão, em que alguém cumpre a pena e deve reflectir sobre o crime que cometeu, é um momento de oportunidade para a mudança. O facto de não existir pena perpétua nem de morte em Portugal deve-nos lembrar a todos que a passagem pela prisão é um momento de transição e que toda a sociedade ficará a ganhar com a transformação positiva destes homens e mulheres”.

Conhecer os Colégios de Jesus e das Artes

“Os Colégios de Jesus e das Artes, em Coimbra, conformam um conjunto excepcional da arquitectura jesuítica, com mais de 450 anos”. Hoje (27 de Janeiro) é possível revisita-los através da análise detalhada de conhecidos elementos gráficos, entre projectos não realizados, gravuras em voo de pássaro e várias plantas, para melhor se perceber a sua origem, a sua organização espacial e funcional, a razão de ser da sua arquitectura. A visita guiada por Rui Lobo (Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra) permitirá constatar como os edifícios sobreviveram aos últimos dois séculos e meio (após a expulsão dos jesuítas) em que foram transformados e adaptados a outras funções, desde variadas dependências universitárias a hospitais. Com entrada livre, a visita tem início às 16 horas, no anfiteatro do Laboratorio Chimico, do Museu da Ciência, da Universidade de Coimbra.

Curso Livre «Os Museus e o Turismo»

De 1 de Março a 14 de Abril, terças e quintas-feiras, das 19 às 23 horas, será ministrado o Curso Livre «Os Museus e o Turismo», por Helena Pereira, museóloga e coordenadora do Serviço Educativo do World of Discoveries (Porto) e terá lugar no ISLA - Instituto Politécnico de Gestão e Tecnologia, em Vila Nova de Gaia. Destinado a licenciados em Turismo; colaboradores de museus e de equipamentos culturais; profissionais do sector do Turismo; estudantes do Ensino Superior que tenham como objectivo trabalhar no sector cultural e/ou turístico, tem por fim reflectir sobre a adequação dos museus e de outros equipamentos culturais à nova realidade, cada vez mais múltipla, dos territórios e desenvolver políticas e práticas de comunicação e actuação que permitam a resposta a todos os tipos de públicos. A abordagem passará por um equilíbrio entre a teoria e a prática. As inscrições podem ser efectuadas para rosalina.pires@unisl.pt (Rosalina Pires). O total de 52 horas tem um custo de 160 euros.

Comemorações do centenário Museu Grão Vasco

Exposições temporárias, encontros científicos, uma participação especial na Feira de São Mateus, a «Festa do Museu, Festa de Viseu», publicações comemorativas, um concerto do Coro do Teatro Nacional de São Carlos... Estes são apenas algumas das acções das comemorações do centenário do Museu Nacional Grão Vasco (MNGV), em Viseu.

Inserida na comemoração realiza-se uma acção de formação, no dia 3 de Fevereiro, pelas 19h30, destinada a professores de História e Geografia de Portugal do 2.º ciclo do Ensino Básico. Terá lugar no “histórico espaço museológico nacional sobre aquele que é um dos outros grandes motivos de interesse patrimonial de Viseu: a «Cava de Viriato». A abordagem será uma «revisitação» às origens da nacionalidade com uma reflexão, à luz da moderna historiografia, de conceitos como o da «reconquista» e sobre a importância de outros pólos de resistência cristã, até aqui subalternizados, como os da Catalu-

nha ou... Coimbra/Viseu. O papel de Viseu medieval na formação e afirmação de Portugal. A presença no museu será, igualmente, uma oportunidade para conhecer melhor não só as suas colecções, mas também o vizinho edifício da catedral”.

Os 100 anos completam-se a 16 de Março, dia para o qual está marcada a abertura de uma exposição temporária sobre a criação deste lugar. Entre muitos outros momentos a assinalar a efeméride, em Setembro haverá um encontro de especialistas sobre a obra do mais importante pintor renascentista português para o qual foi convidado o escritor italiano Umberto Eco. Instituído a 16 de Março de 1916, teve instalação inicial nas dependências da Sé de Viseu e mudou para a actual morada em 1938. Foi elevado ao estatuto de Museu Nacional a 18 de Maio de 2015. Hoje, tem 22 peças classificadas como Tesouro Nacional, 19 das quais com a assinatura de Vasco Fernandes.

Prémio de Poesia Vasco Graça Moura - 2015 não foi atribuído

A decisão de não atribuir o Prémio de Poesia Vasco Graça Moura - 2015, lançado pela Editora Modo de Ler, recolheu a unanimidade do júri - constituído por Fernando Guimarães, Francisco Duarte Mangas, Luis Miguel Queirós, Miguel Veiga, Inês Lourenço, Isabel Ponce de Leão e José da Cruz Santos em representação da Editora. “A dimensão intelectual de Vasco Graça Moura condicionou os elementos do júri a critérios de extrema exigência”, explicou Isabel Ponce de Leão. E, não obstante ter enaltecido a enorme adesão (mais de 200 candidatos) e o facto de terem aparecido “poemas interessantes, originais e criativos”, assegurou que “estavam disseminados pelos vários autores” e não concentrados numa obra que, “do início ao fim, honrasse o nome de Vasco Graça Moura”.

O anúncio foi feito no passado dia 4 de Janeiro, numa sessão destinada a honrar a memória de Vasco Graça Moura.

Plantas, música e livros

A sessão dos Serões da Bonjónia de amanhã (28 de Janeiro) insere-se no Ciclo das Plantas e tem por tema «Dendrobium - cultivo e decoração em árvores». Graziela Meister é a oradora. Em Fevereiro, a primeira, no dia 4, será um Recital de Música, por

Disponíveis «Actas das 3.ªs Conferências do Museu de Lamego/CITCEM»

O Museu de Lamego inicia o novo ano com a disponibilização on line e gratuita das «Actas das 3.ªs Conferências do Museu de Lamego/CITCEM». As actas têm patente a reflexão em torno do «Motim de Lamego» (20 de Julho de 1915), recuando ao dia em que mais de cinco mil pessoas se uniram junto da Câmara Municipal de Lamego em sinal de revolta e de defesa da denominação de origem do Vinho do Porto, contra as imitações que o Tratado Luso-britânico de 1914 facilitava, ao considerar como vinho do Porto qualquer vinho oriundo de Portugal e não apenas do Douro. As Actas estão acessíveis, para download, em www.museude-lamego.pt, cumprindo o Museu de Lamego o seu grande objectivo final de alargar a todo o público o conhecimento produzido no âmbito das suas actividades.

Ricardo Brito. No dia 11, no âmbito do Ciclo da Sociedade, Gonçalo Gil da Mata apresenta o seu livro «Ainda não tive Tempo». Os Serões da Bonjónia realizam-se todas as quintas-feiras, às 21h15, na Quinta de Bonjónia, Porto.

Continua a angariação de fundos para comprar «A adoração dos magos»

A campanha de angariação de fundos para comprar o quadro «A adoração dos magos», do pintor do século XIX Domingos Sequeira, vai continuar até 30 de Abril, uma vez que ainda não foram atingidos os 600 mil euros necessários para o Museu Nacional de Arte Antiga pagar a obra ao proprietário privado.

«Sem Ordem Nem Desordem» é o mote das Quintas

Rui Reininho, Armando Teixeira, Renato Filipe Cardoso, Rui Spranger, Isaque Ferreira e Reportório Osório são os convidados da primeira sessão das Quintas de Leitura de 2016, amanhã (28 de Janeiro), às 22 horas e de regresso ao Auditório do Teatro Municipal Campo Alegre. Intitulada «Sem Ordem Nem Desordem» - mote dado por um verso do poeta surrealista francês Paul Éluard -, a sessão reúne três projectos que utilizam a palavra de forma distinta. Por (des)ordem de entrada em cena: Reportório Osório, um concerto com canções irónicas (para não lhes chamar heroicas) sobre o quotidiano das relações afectivas, interpretadas por Luís Fernandes (voz) e Sónia Sobral (acordeão); stand-up poetry com Isaque Ferreira, Renato Filipe Cardoso e Rui Spranger - amor, sexo, dinheiro, futebol, vida animal, vida vegetal, culinária, religião, política e o dia-a-dia corriqueiro, nada está a salvo da pena atenta e mordaz dos poetas; por fim, uma «Balla» certeira à figura de um GNR do norte - Armando Teixeira dispara a música e Rui Reininho mostra a autoridade da palavra, secundados pelos vídeos de Paulo Brás.

África: Concerto Solidário

A Associação África Solidariedade promove a habitual gala de angariação de fundos. A sessão terá lugar no próximo sábado, 30 de Janeiro, às 15h30, na Fundação Eng.º António de Almeida, no Porto. A sessão, cuja entrada custa 10 euros, organizada por esta Organização Não Governamental para o Desenvolvimento será preenchida por um espectáculo completo do Órfeão Universitário do Porto.

Janeiro no Ateneu Comercial do Porto

«Liquid Rooms»

Entre amanhã (28) e 30 de Janeiro, acolhe o espectáculo de artes performativas «Liquid Rooms», que é o nome de um evento mensal a realizar em vários espaços emblemáticos da cidade do Porto, onde os convidados são desafiados a participar activamente, pela apresentação de produtos exclusivos, a partilha de ideias improváveis e a doação para causas humanitárias. Evento fundado na vontade de trazer pessoas de todas as ocupações para uma plataforma, construindo um meio ambiente favorável, onde se visa o envolvimento de indivíduos, compartilhando ideias criativas para o desenvolvimento sustentável.

Programação variada

Amanhã, 28, e sábado (dia 30), às 16 horas, abre a exposição de arte contemporânea «Yuga Hatta» (Japão), seguida da performance de Rui Paixão «Nos trilhos da Palestina»; da apresentação do resultado de viagens às Aldeias de WestBank; e angariação de fundos para a Associação Cultural Palestiniana. A programação variada continua até às 20h30.

Lançamento

de livro a favor da LPCC-N

Na sexta-feira, dia 29, às 21h30, é lançado o livro «Já alguém te disse: Lê, escreve e previne». A iniciativa é organizada pela Liga Portuguesa Contra o Cancro-Núcleo Regional do Norte e insere-se na Semana Europeia Contra o Cancro do Colo do Útero. O prefácio do livro é escrito por Pedro Chagas Freitas.

1.ª Tertúlia Sobre Guerra Junqueiro

No próximo sábado, 30 de Janeiro, têm início, no Ateneu Comercial do Porto, as Tertúlias sobre Guerra Junqueiro, que se realizarão ao longo do ano no quarto sábado de cada mês, sempre às 17h30, com entrada livre. A primeira, sob o tema «Guerra Junqueiro - perspectivas sobre o seu perfil e ser», contará com Henrique Manuel Pereira como orador.

«Ferreira de Castro, o jornalista»

Na próxima sexta-feira, 29 de Janeiro, Isabel Ponce de Leão proferirá a conferência «Ferreira de Castro, o jornalista» - «a génese da escrita de Ferreira de Castro está no jornalismo que lhe terá servido como meio de sobrevivência e, concomitantemente, como difusor das suas ideias libertárias. A sua intervenção em publicações periódicas - algumas das quais dirigiu - deixa antever a magnitude da sua obra ficcional enquanto questiona problemas sociais de sempre». O encontro, que se realizará na Biblioteca Municipal Ferreira de Castro, em Oliveira de Azeméis, a partir das 21h30, assinala 100 Anos de Vida Literária (em 2016 foram publicadas as obras «Criminoso por Ambição» e «Alma Lusitana») e insere-se no Ciclo de Conferências Ferreira de Castro, organizado pelo Lions Clube de Oliveira de Azeméis, em parceria com o Centro de Estudos Ferreira de Castro e Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis.

Literatura e teatro em Beja

A Biblioteca Municipal de Beja - José Saramago recebe no dia 29 de Janeiro José Orta e Miguel Rego para a apresentação do livro «É de noite que me invento», de Luis Filipe Maçarico, em mais uma sessão de «Sextas com livros» que se realizam às 18h30. No mesmo local, mas um dia depois (30 de Janeiro), às 16 horas, mais uma sessão de «Leituras de Fim-de-semana». Com apresentação de Paulo Barriga, o livro a abordar será «Nada mais havendo a acrescentar», de Vitor Encarnação. Recorde-se que está patente naquele espaço cultural a exposição de ilustrações de Susa Monteiro até 5 de Fevereiro. Também no dia 30, o espaço Pax Julia será palco da peça «Do Desassossego», pela Comunidade - Teatro de Pesquisa. Texto de Bernardo Soares/Fernando Pessoa, adaptado e interpretado por Carlos Paulo; versão cénica e encenação de João Mota; música de Hugo Franco. A peça tem início às 21h30.

Inscrições abertas para Conferência de Cinema de Viana

Estão a decorrer, até 31 de Janeiro, as inscrições para a 5.ª Conferência Internacional de Cinema de Viana, que se realizará nos dias 12 e 13 de Maio. O encontro «é um espaço de reflexão e de partilha de experiências que visa a construção de comunidade internacional de interesses e de divulgação de projectos relacionados com duas temáticas centrais do cinema: escola, arte, ciência e cultura». Realiza-se no âmbito da programação dos XVI Encontros de Cinema de Viana, terá lugar na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo e é uma organização de Ao Norte, CEMRI-LAV, Universidade Aberta e Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Comemorações de centenário de ilustres famalicenses

“Recordar os melhores para que os seus exemplos possam replicar-se na nossa sociedade”. Esta é uma das principais razões que leva a Arquidiocese de Braga, as câmaras de Braga e Famalicão e a Fundação Cupertino de Miranda a celebrarem, ao longo de 2016, o centenário do nascimento dos padres Benjamim Salgado e Manuel Faria, com um programa cultural rico, diversificado e abrangente. A iniciativa arranca já no dia 11 de Fevereiro e pretende visitar as obras e memórias destes dois reconhecidos sacerdotes.

«Troca por Troca: deixe um livro, leve outro»

Os responsáveis da Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, em Vila Nova de Famalicão, lançaram este mês o projecto «Troca por Troca: deixe um livro, leve outro», que tem como objectivo envolver a comunidade numa campanha de oferta e troca de livros usados. O «Troca por Troca» - inspirados no conceito norte-americano «BookCrossing» - consiste na cedência gratuita e desinteressada de livros que ficarão, posteriormente, disponíveis para troca por outros livros, não envolvendo custos, prazos ou empréstimos. A actividade gratuita está sujeita a inscrição obrigatória.

João de Melo é o Prémio Literário Vergílio Ferreira de 2016

O escritor açoriano João de Melo é o vencedor do Prémio Literário Vergílio Ferreira da edição de 2016. Atribuído pela Universidade de Évora desde 1997, o galardão distingue anualmente o conjunto da obra literária de um autor de Língua Portuguesa relevante no âmbito do romance ou do ensaio.

João de Melo, nascido nos Açores em 1949, é autor de mais de 20 livros já publicados (ensaio, antologia, poesia, romance e conto), algumas das suas obras de ficção valeram-lhe vários prémios literários, nacionais e estrangeiros, estando traduzidas em Espanha, França, Itália, Holanda, Roménia, Bulgária, Alemanha, Estados Unidos, México e Croácia.

De referir que o novo livro de João de Melo, «Os Navios da Noite», será publicado em Fevereiro.

Convocatória aberta para residências no Espaço Montepio

Após o encerramento do Edifício AXA, a PortoLazer avança para um novo espaço na Avenida dos Aliados, cuja dinamização se iniciou já este mês de Janeiro, com o lançamento da primeira convocatória aberta para residências artísticas na antiga dependência do Banco Montepio. O objectivo desta iniciativa é encontrar formas criativas e inovadoras para o desenvolvimento urbano da cidade. Para isso, a PortoLazer desafia estudantes do ensino superior, jovens curadores e curadores emergentes a participar num espaço de trabalho partilhado, onde os seleccionados terão a oportunidade de expor as suas criações em áreas como a arte urbana, arquitectura, performance, pintura, escultura, instalação, ilustração, fotografia, vídeo, multimédia e curadoria.

Haverá duas fases de residências artísticas entre Fevereiro e Junho e outros tantos momentos expositivos. Os artistas podem candidatar-se individual ou colectivamente. A 1.ª fase de inscrições decorre até 11 de Fevereiro, com início da residência artística entre 22 de Fevereiro e 20 de Março. A exposição colectiva terá início a 26 de Março e estará patente aproximadamente um mês. A 2.ª fase de inscrições decorre de 12 de Fevereiro a 2 de Março, com início da residência artística de 30 de Março a 7 de Maio; a mostra colectiva estará exposta durante cerca de um mês, a partir de 14 de Maio.

Nortear é entregue em Fevereiro

A obra «Clementina», de Lara Dopazo Ruibal, foi a vencedora do Nortear, um prémio literário lançado pelo Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial Galiza-Norte de Portugal, em parceria com a Direcção Regional de Cultura do Norte e a Consellería de Cultura, Educación y Ordenación Universitaria (Espanha). O Prémio Nortear, no valor de 2.000 euros, será entregue no próximo dia 11 de Fevereiro, na Biblioteca de Santiago de Compostela. Será ainda entregue uma menção honrosa à obra «Coração cheio de nada», de João Maria Cardoso.

14.ª Edição do Festival Sons de Vez

O Festival Sons de Vez arranca no dia 6 de Fevereiro e estende-se até 19 de Março, na Casa das Artes de Arcos de Valdevez. Do cartaz constam nomes como Mão Morta - que abre a 14.ª edição do evento -, Mazgani, David Fonseca ou Marta Ren que apresenta o novo álbum no festival. O festival termina com o concerto de Ladrões do Tempo que serão antecidos pelos Tuff Gum, um projecto emergente da cena rock nacional cantada em Português e que aqui têm honras de tocar em casa.

Para além da programação musical do Sons de Vez, a organização assegura ainda “à semelhança dos outros anos uma componente audiovisual paralela aos concertos, que assenta numa escolha cuidada de documentários e séries produzidas para o Canal 180”, parceiro do evento nas duas últimas edições. As películas serão transmitidas antes dos concertos, a partir das 22 horas, no Auditório da Casa das Artes.

Carlos Mendes «A Festa da Vida»

No sábado, 30 de Janeiro, sobe ao palco do Cine-Teatro de Alcobaça o cantor português Carlos Mendes que, em 2015, celebrou 50 anos de carreira. O artista apresenta em Alcobaça o espectáculo «A Festa da Vida», revisitando alguns dos maiores clássicos da sua carreira. O concerto tem início às 21h30.

Inscrições abertas para jornada de reflexão no MNR

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, através do Museu do Neo-Realismo, organiza a Jornada de Reflexão sobre Desafios Contemporâneos da Educação Não Formal nos Museus, que decorrerá no dia 2 de Fevereiro no Auditório do MNR. A inscrições gratuitas decorrem até 29 de Janeiro, na receção do MNR (263 285 626; neorealismo@cm-vfxira.pt).



COORDINAÇÃO
MAFALDA FERRO PEDRO MARTINS RUI LOPO

Uma obra que é um “espaço de reflexão”

No dia 29 de Janeiro será apresentado, nas instalações da Labirinto de Letras Editores, no Porto, o livro «António Quadros e António Telmo | Epistolário e Estudos Complementares». A Paulo Samuel cabe a apresentação do livro que reúne 32 cartas trocadas entre António Quadros e António Telmo, no período de 1959 a 1991. “São documentos oriundos dos espólios da Fundação António Quadros e do arquivo pessoal de Maria Antónia Braia Vitorino, viúva de António Telmo, em edição coordenada por Mafalda Ferro, Pedro Martins e Rui Lopo com a participação do Projecto António Telmo. Vida e Obra. O epistolário surge enriquecido com estudos, dois de cada um dos pensadores sobre a obra do outro, a que se juntam os de António Quadros Ferro, Pedro Martins, Rui Lopo e um conjunto inédito de imagens”.

Com Prefácio de António Carlos Carvalho e Posfácio de João Ferreira, “o livro é espaço de reflexão e tempo de amizade”.

LANÇAMENTOS

Lançamento de «Liberdade da Cultura: preparar o 25 de Abril»

No próximo dia 4 de Fevereiro será lançado, no Centro Nacional de Cultura (CNC), o livro «Liberdade da Cultura: preparar o 25 de Abril», numa sessão de homenagem a Pierre Emmanuel, com início às 18h30. Com coordenação de Guilherme d'Oliveira Martins e textos de Roselyne Chenu, João Bénard da Costa e Nicolau Andresen Leitão, a obra contém testemunhos de João Salgueiro, José Medeiros Ferreira, José Pacheco Pereira, Manuel Lucena, Mário Murteira e Nuno Teotónio Pereira. Este livro, editado pela Gradiva em colaboração com o CNC, “revela uma faceta menos lembrada da preparação da democracia portuguesa.

Poucos sabem que um grande poeta europeu, Pierre Emmanuel, e a sua directa colaboradora, Roselyne Chenu, tiveram um papel fundamental na preparação das bases de uma sociedade aberta, centrada na liberdade, na democracia e na dignidade humana”.

Os testemunhos, os relatos, as referências humanas que se lêem neste livro “constituem a demonstração de que o compromisso institucional que foi possível consolidar depois de 25 de Abril de 1974 não surgiu por acaso. Deveu-se ao empenhamento intelectual e cívico de um conjunto fascinante de personalidades que acreditaram na força das relações humanas e na importância crucial da liberdade”.

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS
COORDENAÇÃO

LIBERDADE DA CULTURA

Preparar o 25 de abril



Uma história pouco conhecida com o Centro Nacional de Cultura

gradiva

Maria Antónia Jardim

O OVO DO SAGRADO FEMININO



LAPIS LAZUL

Apresentação d' «O Ovo do Sagrado Feminino» no CNC

O livro «O Ovo do Sagrado Feminino» terá nova apresentação, amanhã, 28 de Janeiro, pelas 18h30, na Galeria Fernando Pessoa do Centro Nacional de Cultura, em Lisboa. A obra será apresentada por Guilherme d'Oliveira Martins. “Este é um livro alquímico na medida em que as energias vividas e experienciadas em lugares de poder, sagrados, ritualizados se transmutam numa escrita ecranizada, erotizada e perfumada de Rubi, mistério e sonho. Um texto onde Fernando Pessoa e Fabergé se cruzam; em que as brumas de Avalon se manifestam na portugalidade feminina”.

Isabel Ponce de Leão assina o Prefácio, onde se lê que “sob o signo do amor se escreve esta obra marcante no respeito que demonstra a esse mesmo amor, na liberdade que lhe dá de crescer, de se sedimentar, de criar raízes, fazendo de Rubi ou do sagrado feminino o seu modus operandi”.

«Pontas Soltas» no Ateneu do Porto

O lançamento do quarto livro de poesia de Manuel Paulo, «Pontas Soltas», terá lugar no Ateneu Comercial do Porto, na próxima sexta-feira, 29 de Janeiro. A sessão terá início às 18 horas, com Arnaldo Saraiva como orador convidado.



22 FEV
— 6 MAR
2016

TEATRO
MUNICIPAL
RIVOLI

FAN TAS POR TO

36º FESTIVAL
INTERNACIONAL DE
CINEMA DO PORTO

